

Campinas- Janeiro, 2014

**A INVERSÃO DE ORDEM SUJEITO-VERBO EM ORAÇÕES
INTERROGATIVAS NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS EUROPEU**

Relatório final- Iniciação Científica

FAPESP- Proc. 2012/22764-0

Aluna: Domitila Maria Danielius de Oliveira David (RA 106639)

Orientadora: Charlotte Marie Chambelland Galves

Instituto de Estudo da Linguagem (IEL), Depto. Linguística, UNICAMP

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar a inversão de ordem sujeito-verbo em orações interrogativas do português europeu, em textos de autores nascidos entre o século XVI e XIX. Para a realização dessa análise, foram utilizados 16 textos anotados sintaticamente do *Corpus Tycho Brahe*, disponíveis para fazer buscas automáticas a partir da ferramenta computacional *Corpus Search*.

A partir dos resultados das buscas, foi analisado se uma possível mudança na ordem sujeito-verbo nesse contexto está relacionada com a mudança observada nas orações afirmativas nos autores nascidos a partir do século XVIII (cf. Galves e Gibrail, 2013; Galves e Paixão de Sousa, 2013; Paixão de Sousa, 2004). Além disso, como descrito por Ambar (1992), o português europeu moderno apresenta uma particularidade em relação à ordem das orações interrogativas, pois a inversão do verbo é obrigatória em alguns casos, e facultativa ou impossível em outros. Assim, foi analisada diacronicamente neste estudo a evolução da posição do verbo nas orações interrogativas dessa língua.

Palavras-chave: Português clássico, Orações interrogativas, Inversão sujeito-verbo, Mudanças no português europeu, Movimento do verbo.

ABSTRACT

The objective of this project is to study subject-verb inversion in interrogative sentences of European Portuguese, in texts of authors born between the sixteenth and nineteenth century. The analysis was based on 16 syntactically annotated texts, available in the *Tycho Brahe Corpus* for automatic searches through the computational tool *Corpus Search*.

From the results, it was verified if a possible change in the subject-verb order in interrogative sentences is related to the change of inversion observed in affirmative sentences from authors born after the XVIII century (cf. Galves e Gibrail, 2013; Galves e Paixão de Sousa, 2013; Paixão de Sousa, 2004). Moreover, as described by Ambar (1992), the Modern European Portuguese presents a particularity in relation to the order of interrogative sentences because the verb inversion is mandatory in some cases, in some cases, and optional or impossible in others. Thus, the evolution of the position of the verb in interrogative sentences was analyzed diachronically in this study.

Key words: Classical Portuguese, Interrogative sentences, Subject-verb inversion, Changes in the European Portuguese, Verb movement.

SÚMARIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. LITERATURA.....	3
2.1. O português europeu.....	13
2.1.1. Estudo sincrônico: o português europeu moderno.....	14
2.1.2. Estudo diacrônico: do português clássico ao português moderno.....	16
3. CRONOGRAMA PREVISTO.....	20
4. MÉTODOS E MATERIAS UTILIZADOS.....	22
5. RESULTADOS.....	29
5.1. As orações interrogativas do português europeu.....	29
5.1.1. Orações interrogativas raiz.....	30
5.1.2. Orações interrogativas encaixadas.....	30
5.2. A ordem SV nas orações interrogativas do português europeu.....	36
6. DISCUSSÃO.....	38
6.1. Breve introdução à "Teoria da Regência e da Ligação".....	38
6.2. Análise do fenômeno da inversão sujeito-verbo (Ambar, 1992).....	38
6.3. A subida do verbo.....	42
6.3.1. Categoria vazia no constituinte QU- interrogativo e o nome foneticamente realizado.....	42
6.3.2. O elemento é que.....	44
6.4. Fator tempo: A inversão sujeito-verbo nas orações interrogativas.....	45
7. CONCLUSÃO.....	52
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

1. INTRODUÇÃO

Entre o século XVI e XIX, a língua portuguesa passou por numerosas mudanças sintáticas, principalmente no que diz respeito à ordem de palavras. Além das mudanças presentes nas variantes do português, em particular no português do Brasil, é possível observar também uma evolução em relação à ordem no português de Portugal.

Assim como Paixão de Sousa (2004), Galves e Gibrail (2013), Galves e Paixão de Sousa (2013), que estudaram as mudanças na ordem sujeito-verbo nas orações afirmativas do português europeu, este estudo também se propõe a observar as mudanças na ordem sujeito-verbo que ocorreram na língua portuguesa, porém nas orações interrogativas.

Para observar essa mudança, foi preciso realizar buscas no *Corpus Tycho Brahe*¹, com o auxílio da ferramenta computacional *Corpus Search*, em 16 textos de autores portugueses nascidos entre os séculos XVI e XIX que estão anotados sintaticamente. No total foram realizadas cinco buscas, sendo a primeira uma busca introdutória que separava as orações em dois grupos: um das orações interrogativas raiz, e outro das orações interrogativas encaixadas.

Em relação às orações encontradas nessa primeira busca, foi necessário realizar outras duas buscas, com a intenção de selecionar alguns tipos específicos de orações interrogativas para a análise. Assim, foram excluídas todas as orações em que o pronome interrogativo era o próprio sujeito, e também todas as orações que utilizavam um verbo da família do verbo 'ser'. Após as especificações apresentadas, foram encontradas para o estudo 165 orações interrogativas raiz e 159 orações interrogativas encaixadas.

A partir dos dados encontrados, o objetivo deste estudo era analisar se houve, de fato, ao longo do tempo, uma mudança na ordem nas orações interrogativas, assim como

¹ Disponível no endereço <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/en/index.html>>.

houve nas orações afirmativas. Além disso, este trabalho tinha como objetivo descrever como diversos fatores, como por exemplo a natureza do elemento interrogativo, influenciaram na ordem sujeito-verbo de orações interrogativas.

Resumidamente, pode-se afirmar que houve sim uma mudança na ordem sujeito-verbo nas orações interrogativas do português, assim como nas orações afirmativas, principalmente em relação às orações interrogativas encaixadas. Os resultados apontam que nos séculos XVI e XVII, o número de orações interrogativas encaixadas SV era menor que o número de orações interrogativas encaixadas de ordem VS (em especial no século XVII). Entretanto, a partir do século XIX, o número de orações interrogativas encaixadas de ordem SV é superior ao número de orações interrogativas VS.

Sabendo-se que no português europeu moderno a inversão do verbo permanece obrigatória em certos casos, e facultativa ou impossível em outros, como descrito por Ambar (1992), retomaremos a questão da posição do verbo nas orações interrogativas nessa língua a partir de uma análise diacrônica dos dados encontrados nas buscas. Todos os dados levantados serão comparados com as mudanças sujeito-verbo que ocorreram nas orações afirmativas.

O texto se organiza da seguinte maneira: na **Seção II**, “Literatura”; na **Seção III**, “Cronograma previsto”; na **Seção IV**, “Métodos e materiais utilizados”; na **Seção V**, “Resultados”; na **Seção VI**, “Discussão”; e, por fim, na **Seção VII**, “Conclusão”.

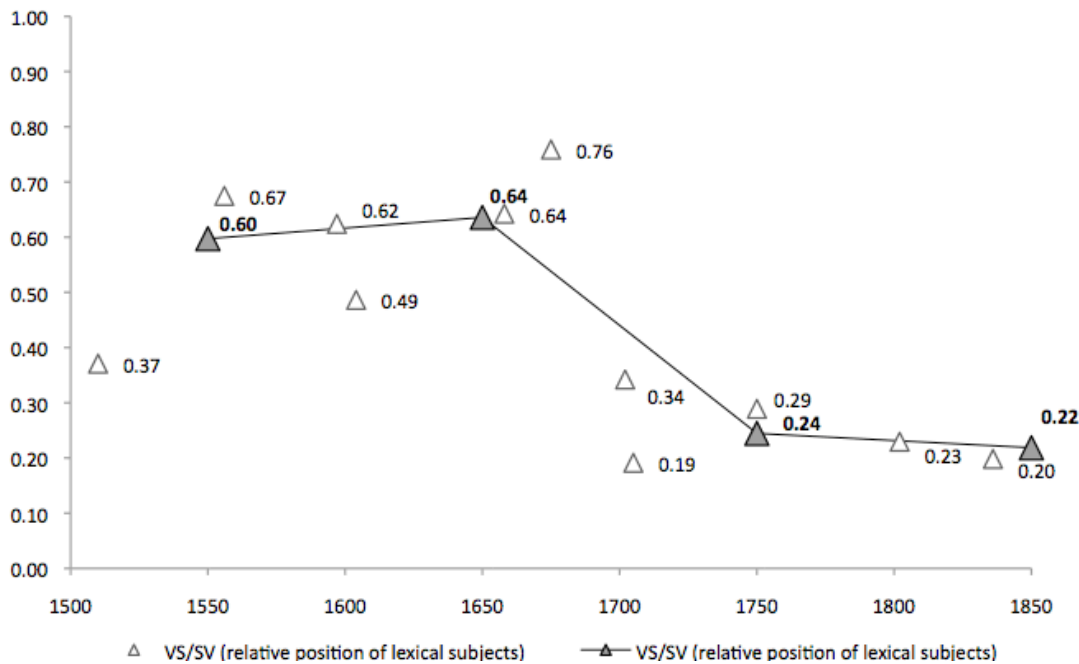
2. LITERATURA

Paixão de Sousa (2004) analisou em seu trabalho as diversas ocorrências do sujeito nas orações afirmativas não dependentes enclíticas e proclíticas, em 11 textos de autores portugueses anotados sintaticamente no *Corpus Tycho Brahe*². Segundo a autora, o sujeito se encontra cada vez mais na posição pré-verbal no decorrer dos séculos. Nos textos de autores nascidos entre a segunda metade do século XVI e a segunda metade do século XVII são apresentadas, em sua maioria, sentenças com sujeitos nulos (porcentagens: 0,56-0,47-0,49), seguidos por sentenças com sujeitos pré-verbais (porcentagens: 0,26-0,32-0,29) e, por fim, sujeitos pós-verbais (porcentagens: 0,18-0,21-0,21). Já nos textos escritos por autores nascidos a partir da primeira metade do século XVIII, ocorre uma oscilação entre a proporção de SV (0,42-0,36-0,42) e sujeitos nulos (0,41-0,49-0,42), sendo a porcentagem de VS muito inferior a de SV (0,09-0,09-0,08).

Os resultados encontrados por Paixão de Sousa (2004) foram confirmados por novos estudos baseados em textos anotados sintaticamente. Pode-se observar o decréscimo da ordem VS acontecendo nos autores nascidos na primeira metade do século XVIII no gráfico³ a seguir, em que é apresentada a frequência de VS em relação à ordem SV em 11 autores portugueses nascidos entre 1502 e 1836. Os triângulos mais escuros representam a média dessa frequência por século.

² Atualmente, o *Corpus Tycho Brahe* conta com 16 textos anotados sintaticamente, que foram utilizados nesta pesquisa.

³ Gráfico retirado do estudo de Galves e Paixão de Sousa “The loss of verb-second in the history of Portuguese: Subject position, Clitic placement and Prosody” (2010).



A questão da ordem de palavras já foi muito discutida ao longo da história da língua portuguesa, e merece grande destaque até os dias hoje. Em relação ao português moderno, Ambar (1992) abordou em sua obra uma explicação empírica e teoricamente motivada para os casos de inversão sujeito-verbo. Segundo a autora, a inversão sujeito-verbo (ISV) pode ser definida como:

“[...] a alteração da ordem de constituintes resultante de uma operação de movimento que desloca da sua posição de base ou o sujeito ou o verbo da uma estrutura frásica, convertendo a ordem básica de uma língua SVO (Sujeito-Verbo-Objecto), [...] numa ordem VSO (Verbo-Sujeito-Objecto), VOS (Verbo-Objeto-Sujeito) ou OVS (Objecto-Verbo- Sujeito) [...] ISV é assim uma designação neutra para dois processos sintáticos que estas estruturas podem envolver: posposição do sujeito ou anteposição do verbo”. (AMBAR, 1992, p. 5)

Na primeira parte de seu livro, Ambar (1992) apresenta ao leitor seu objeto de estudo, que é realizar uma descrição dos fatos linguísticos portugueses, relacionando-os com a inversão de ordem básica. Para isso, dedica-se uma parte de sua obra para coletar algumas informações a respeito da inversão sujeito-verbo em quatro gramáticas importantes na história do português: Gramática de Jerónimo Soares Barbosa (1822),

Gramática de Epifânio da Silva Dias (1917), Gramática de Cunha & Cintra (1978) e, por fim, Gramática de Mattoso Câmara Jr. (1977).

- Inversão na gramática Jerónimo Soares Barbosa (1822)

Ao estudar esta gramática, Ambar (1992) apresenta dois tipos possíveis de construções sintáticas nas línguas naturais: a *Direita* e a *Invertida*.

Todas as construcções se reduzem a duas geraes, que são *Direita* e a *Invertida*. A direita he aquella, em que as palavras e as orações seguem a mesma ordem de sua syntaxe, referindo-se cada huma successivamente áquella, que lhe precede immediatamente, de sorte que o sentido nunca fica suspenso, antes se vai percebendo á medida, que se vai ouvindo, ou lendo. A invertida pelo contrario he aquella, em que se muda a ordem da syntaxe, e as palavras e orações ou regidas, ou subordinadas vão primeiro que as que as regem, ou subordinão, de sorte que o sentido vai suspenso. (apud AMBAR, 1992, p. 8)

Além disso, a autora apresenta a diferença entre **Línguas Transpositivas** e **Línguas Análogas** defendida pelo gramático. Segundo J. S. Barbosa, as *línguas transpositivas* são aquelas que tem caso e por isso admitem mais inversão. Em contrapartida, as *línguas análogas* são aquelas desprovidas de casos, apresentando menos ocorrências de inversão.

Em seguida, Ambar (1992) destaca nesta gramática a distinção de “necessário” e “útil”, que não correspondem com a distinção que temos de *obrigatório* e *facultativo* (conceito apresentado nas gramáticas posteriores). Para J. S. Barbosa, as *inversões necessárias* incluem tanto inversões facultativas como inversões obrigatórias. Entretanto, nas *inversões úteis*, em que esperaríamos encontrar apenas inversões facultativas, incluem também inversões obrigatórias. Um caso usado para exemplificar uma inversão necessária é a interrogativa: “Que disciplina pode estabelecer em seu exercito hum

General, que não são regular sua vida?”⁴. Segundo Ambar (1992), o motivo da necessidade da inversão apresentado pelo gramático remete a um certo determinismo dado pelo uso da língua - “As inversões mesmas são formas consagradas pelo uso para certa especie de frases, quaes entre outras são as interrogativas, e exclamativas. Ninguem [as] pode dizer de outro modo [...]”⁵.

Já em relação às *inversões úteis*, o autor explica:

Mas ainda sem necessidade se costumão ellas fazer pela utilidade, que das mesmas resulta, ou para variar a fôrma das construcções, e evitar assim a monotomia; ou para apresentar e pôr desde logo á visita huma idea importante, que nos ocupa, e queremos ocupe tambem o espirito dos ouvintes; ou finalmente para desempeçar mais a mancha da oração, e dar-lhe assim mais facilidade, graça, e harmonia. (apud AMBAR, 1992, p. 10)

- Inversão na gramática de Epifânio da Silva Dias (1917)

Nesta gramática, o autor limita-se a se referir qual a ordem natural das palavras nas orações e alguns dos contextos em que ocorrem inversões. Entretanto, em relação as outras gramáticas, E. da Silva Dias apresenta alguns contextos de inversão originais:

1. Quando o sujeito é um nome não precedido de artigo definido pospõe-se, não havendo emphase:
 - 1) aos verbos *existir, aparecer, ocorrer*, e aos de significação semelhante. [...]
2. Quando os pron. *isto, isso, aquillo, o mesmo e este, esse, aquella, o mesmo* (com os seus substantivos), sendo complementos do predicado, se transportam emphaticamente para o principio da or. (principal), o sujeito pospõe-se ao verbo: [...] *Isto fazem os Reis* [...].
3. O sujeito de uma oração infinitiva não precedida de prepos [...] pospõe-se normalmente ao infinitivo de verbos intransitivos ou passivos (nos tempos compostos pode ir depois do auxiliar). (apud AMBAR, p. 12)

⁴ Apud AMBAR, 1992, p. 9.

⁵ Ibidem, p. 9.

- Inversão na gramática de Cunha & Cintra (1978)

Assim como nas outras línguas românicas, os autores Cunha & Cintra declaram que predomina no português a *Ordem Direta* (com a predominância: SUJEITO + VERBO + OBJETO DIRETO + OBJETO INDIRETO ou SUJEITO + VERBO + PREDICATIVO). O português é, assim, considerado uma língua predominantemente SVO, mas que apresenta casos de inversões, sendo que alguns deles teve seu uso consagrado, tornando-se no fim uma exigência gramatical. Sobre o porquê desta “consagração”, nada é dito. Para Ambar (1992), dá a entender que, segundo os autores, as inversões ocorrem por um determinismo da própria língua.

É apresentado nesta gramática também dois tipos de inversões: *inversões de natureza estilística* (realce do sujeito, do predicativo, do objeto (direto e indireto) e do adjunto adverbial) e *inversões de natureza gramatical*, sendo que estas podem ser obrigatórias ou facultativas. As inversões nas orações interrogativas, por exemplo, pertencem ao segundo grupo. Entretanto, os autores não sabem dizer se houve nas inversões de natureza gramatical posposição do sujeito ou se ocorreu uma anteposição do verbo.

- Inversão em Mattoso Câmara Jr. (1977)

Mattoso Câmara Jr. também apresenta o conceito de *Ordem Direta* e *Ordem Indireta*, sendo a primeira, no português, a colocação do verbo depois do sujeito. Porém, o autor observa que há no entanto “padrões especiais”, como é caso da “oração de interrogação parcial com pronome interrogativo não sujeito”; ex. “Onde estão os livros?” (apud AMBAR, 1992, p. 17).

A partir dessas quatro gramáticas, Ambar (1992) também discute o que, afinal, se entende por **ordem básica**⁶ na gramática, já que todas as gramáticas estudadas relacionam este conceito à inversão. Para isto, é apresentado em seguida alguns dos trabalhos mais relevantes sobre o assunto.

O conceito de *dominante* em Greenberg (Perspectiva *estruturalista*)

O trabalho de Greenberg (1963) sugere uma tipologia sintática baseada na ordem dos constituintes das sentenças. Analisando 30 línguas diferentes, o autor sintetiza uma tipologia com base na posição relativa do sujeito (S), do verbo (V) e do objeto (O). Segundo Greenberg, as línguas têm várias ordens possíveis, mas apenas uma dominante. Com base nesta teoria, o português pode ser classificado como uma língua SVO. Porém, mesmo SVO sendo sua *ordem dominante*, nem sempre ela ocorre.

O conceito de ordem dominante utilizada por Greenberg é diferente da definição de ordem básica, comum na literatura. Para o autor, **ordem dominante** é de domínio empírico (enquanto **ordem básica**, na gramática gerativa, é de domínio abstrato). Entram como exemplo para a definição de ordem básica as orações interrogativas: “(1) a. Que comprou o Pedro? / b. [o Pedro comprou QUE]” (AMBAR, 1992, p. 24). Ambar (1992) menciona que (1b) representa a relação que (1a) tem com a ordem básica da língua (SVO). Entretanto, caso ela seja adotada, o enunciado torna-se agramatical: “(2) * O Pedro comprou que?” (AMBAR, 1992, p. 24).

⁶ **Ordem básica** é apresentada como “construção direita” na gramática de J. S. Barbosa, “ordem natural” ou “simples”, na gramática de Epifânio da Silva Dias, e como “ordem direita” em Cunha & Cintra e Mattoso Câmara Jr.

Na gramática gerativa-transformacional, a oração em (1b) seria considerada a estrutura profunda a partir da qual a sentença de (1a) é derivada. Entretanto, na perspectiva de Greenberg, a oração formada em (2) não pode ser considerada por ser agramatical. Dessa forma, uma ordem dominante, nos termos de Greenberg, tem obrigatoriamente de ocorrer, enquanto nos termos da gramática gerativa-transformacional, o que é chamado de ordem básica, pode não ocorrer ou não ser possível em alguns enunciados. Assim, a definição da ordem dominante de determinada língua depende da comparação com as outras ordens, sendo definida como dominante aquela que exigir menos restrições de co-ocorrência.

Todavia, a definição de dominante realizada por Greenberg não satisfaz Ambar (1992) no que diz respeito aos casos de inversão, pois, “Nem sempre à maior frequência de ocorrência de determinada construção, na presença ou ausência de determinada condição estrutural, corresponde uma ordem básica” (AMBAR, 1992, p. 27). Como exemplo, a autora apresenta o caso das interrogativas QU- no português, que exigem a inversão sujeito-verbo⁷.

- (5) a. Que comprou a Maria?
b.* Que a Maria comprou?
- (6) a. Onde foi a Maria?
b. * Onde a Maria foi?

Nos exemplos apresentados, a ordem OVS é não só possível, mas obrigatória. Aumentando o *corpus*, a autora conclui que, em alternativa a OVS, a ordem OSV também é possível⁸:

- (7) Que livro a Maria comprou?
(8) Não sei onde a Maria foi.
(7') Que livro comprou a Maria?

⁷ AMBAR, 1992, p. 26.

⁸ Ibidem, p. 28.

(8) Não sei onde foi a Maria.

Ambar (1992) conclui que, a partir do conceito de Greenberg, no contexto QU-interrogativo, a ordem OVS é a dominante, pois ela é a ordem que impõe menos restrições, ocorrendo em qualquer um dos contextos apresentados de (5) - (8'). Dessa maneira, a ordem OVS aparece como a *ordem dominante* do microsistema das estruturas QU- interrogativas, porém, de acordo com a tipologia da língua em questão, a ordem dominante do português deveria ser a SVO.

A autora explica a não discussão desta questão nesta perspectiva a partir da limitação do *corpus* de Greenberg – “[...] relative order of subject, verb, and object in declarative sentences with nominal subject and object.”⁹ (apud AMBAR, 1992, p. 28). Note-se que o autor restringiu seu estudo às orações declarativas, sendo os casos de inversão que ocorre nas orações interrogativas, assim como em muitos outros estudos, novamente ignorada.

O critério de Dik (Perspectiva funcional)

Simon Dik¹⁰ defende que as línguas podem ter mais de uma ordem básica. Entretanto, apesar de ser possível duas ou mais ordens básicas, Dik considera ser possível traçar uma tipologia das línguas de acordo com os padrões de ordem básica que algumas línguas apresentam. Assim, o autor apresenta o seguinte quadro tipológico¹¹ de ordenação nas línguas naturais:

- (i) Línguas V1: línguas com ordem básica VSO, em que VSO é também a *ordem dominante* não marcada nas frases reais;

⁹ Tradução própria: “[...] ordem relativa do sujeito, verbo e objeto em sentenças declarativas com sujeito nominal e objeto.”

¹⁰ Dik, 1978, 1979, 1980.

¹¹ Apud AMBAR, 1992, p. 30.

- (ii) Línguas V2: línguas com ordem básica VSO, em que, contudo, SVO é a *ordem dominante* não marcada nas frases reais;
- (iii) Línguas V2f ou línguas V2 fortes: línguas com ordem básica VSO, em que contudo, V está sempre em segunda posição na *ordem dominante* não marcada;
- (iv) Línguas V3: línguas com ordem básica SVO, em que V vem em terceira posição sempre que qualquer constituinte diferente do sujeito é colocado em posição inicial.

Assim como em Greenberg (1963), a *ordem básica* não se confunde com a relação de ordem mais frequente nos enunciados de cada língua. Na realidade, ela representa um nível abstrato de generalização. Por esse motivo, uma língua aparentemente SVO poderá ser, na verdade, VSO.

Ao postular a existência de uma posição inicial nas orações principais – que pode ser ocupada por elementos QU- interrogativos, por relativos ou por subordinadores-, Dik tenta distinguir entre uma ordem VSO e uma ordem SVO. Segundo o autor, quando um constituinte, diferente do sujeito, é colocado na posição inicial de uma oração, a língua é realmente SVO quando o sujeito mantém a posição pré-verbal; e a língua é VSO se o sujeito aparece em posição pós-verbal.

Porém, como já imaginamos, essa regra é inválida para algumas línguas, como o português. Como exemplo, o autor observa o caso do inglês. Embora a regra se concretize em orações declarativas principais e subordinadas, ela não se aplica às interrogativas com elementos WH-¹². Dik, assim, é obrigado a considerar que as interrogativas constituem um microssistema dentro de algumas línguas com uma ordem básica particular.

Segundo Ambar (1992), a gramática utilizada por Dik deveria, idealmente, atribuir a cada língua apenas uma ordem básica que derivasse as demais ordens. A autora conclui que a razão de Dik não ter adotado esse caminho está no fato do autor não admitir na gramática a existência de movimento dos elementos. Na percepção de Ambar, Dik não

¹² (11) P1 S Vf Vi O (para orações declarativas do inglês) / (12) P1 Vf S Vi O (para interrogativas QU- do inglês). (Apud AMBAR, 1992, p. 31)

deveria excluir da sua gramática operações de movimento, e sim assumir a sua existência, porém, com a condição de uma preservação da estrutura inicial.

O critério de Ross (Carácter transformacional)

Ross (1970) propõe a teoria da elipse do verbo, que permite a conversão de estruturas. Como exemplo, temos:

“O Pedro **comeu** peixe, o João **comeu** arroz e o Gonçalo **comeu** rosbife”. -> “O Pedro **comeu** peixe, o João arroz e o Gonçalo rosbife”. (apud. AMBAR, 1992, p. 34)

Como podemos ver, em uma língua como o português, a elipse opera à direita da primeira dessas ocorrências. No japonês, que é uma língua SOV, acontece exatamente o contrário: a forma verbal omitida ocorre mais à esquerda. Assim, ficaria¹³:

$$\text{SVO+SVO+SVO+...+SVO} \text{ ---> } \text{SVO+SO+SO+...+SO}^{14}$$
$$\text{SOV+SOV+SOV+...+SOV} \text{ ---> } \text{SO+SO+SO+...+SOV}^{15}$$

Após alguns estudos, Ross conclui que em algumas línguas ocorre o processo da seguinte maneira: “SOV+SO+SO+...+SO”. Entretanto, o autor garante que em nenhuma língua do mundo existe a ocorrência do tipo: “SO+SO+SO+...+SO+SVO”. Sua generalização, assim, é¹⁶:

- A. SVO+SO+SO+...+SO
- B. SOV+SO+SO+...+SO
- C. SO+SO+...+SO+SOV
- D. *SO+SO+...+SO+SVO

¹³ Apud AMBAR, 1992, p. 34.

¹⁴ Processo que ocorre em línguas como o português.

¹⁵ Processo que ocorre em línguas como o japonês.

¹⁶ Apud AMBAR, 1992, p. 36.

Sendo A. uma representação de línguas como o português ou o inglês, B. de línguas como o russo, C. de línguas como o japonês e, por fim, D. representa o tipo de gramática que não deve ocorrer. Além disso, segundo Ross, a letra B. só deve acontecer em línguas em que a ordem básica é a SVO. Consequentemente, não pode haver línguas que exibam apenas a forma de B., mas as formas B. e C. ou A., B. e C podem coexistir.

Segundo o autor, todo esse estudo acerca da elipse demonstra que a ordem pela qual opera a elipse do verbo depende da ordem básica de cada língua. Dessa maneira, o português e o inglês são línguas de ordem básica SVO, apresentando apenas o processo descrito em A. Já o japonês, é uma língua que, utilizando apenas a forma descrita em C., tem como ordem básica a ordem SOV. O russo, por fim, como já dito anteriormente, permite a permuta das formas descritas em A., B. e C., sendo uma língua de ordem SVO.

Para Ambar (1992), as teorias apresentadas devem ser consideradas hipóteses que nos fazem pensar a respeito da língua, mas todas são duvidosas. Assim, a autora admite que são possíveis no português seis combinações de S, V e O (SVO, SOV, VSO, OSV, OVS e VOS), sendo a ordem básica aquela ordem menos marcada, ou seja, a ordem SVO, pois ela é a única estrutura que não requer pausa e/ou acento contrastivo em um dos seus constituintes. Entretanto, no caso das interrogativas QU- ou da pergunta-resposta, nem sempre ela é possível.

Para uma melhor análise dos casos de inversão nas orações interrogativas do português europeu, serão divididas neste trabalho duas seções: uma que apresentará o português de maneira sincrônica, e outra que olhará diacronicamente a língua portuguesa.

2.1.O português europeu

2.1.1. Estudo sincrônico: o português europeu moderno

Mesmo considerando como ordem básica do português europeu moderno a ordem SVO, Ambar (1992) apresenta exemplos com o uso de outras ordens. Como mencionado anteriormente, a autora considera seis combinações de S, V e O, possíveis no português¹⁷:

- a. A Joana comeu a sopa. (SVO)
- b. A Joana, a sopa, comeu. (SOV)
- c. Ontem comeu a Joana a sopa. (VSO)
- d. A sopa, a JOANA comeu. (OSV)
- e. A sopa, comeu a Joana. (OVS)
- f. Comeu a sopa, a JOANA. (VOS)

Ambar (1992) observa que tais enunciados diferem das interrogativas, como por exemplo, “Que comprou o Pedro?”, em que a inversão sujeito-verbo ocorre de maneira obrigatória. Diferente do português brasileiro, a não inversão acarretaria em sua agramaticalidade no português europeu (*“Que o Pedro comprou?”).

Outros exemplos em que a inversão sujeito-verbo ocorre de maneira obrigatória nas orações interrogativas do português europeu são:

- Onde foi a Maria? (VS)
- *Onde a Maria foi? (SV)¹⁸
- Quem encontrou o João no cinema? (VS)
- *Quem o João encontrou no cinema? (SV)¹⁹
- Porque saiu a Rita? (VS)
- *Porque a Rita saiu? (SV)²⁰

¹⁷ AMBAR, 1992, p. 55.

¹⁸ AMBAR, 1992, p. 55.

¹⁹ Ibidem, p. 58.

²⁰ Ibidem, p. 58.

No entanto, como observa Ambar (1992), a ordem SV torna-se possível se o elemento *é que* for introduzido, como em²¹:

- (O) que é que o Pedro ofereceu à Joana? (? Que é que ofereceu o Pedro à Joana?²²).
- Quem é que o João encontrou no cinema? (? Quem é que encontrou o João no cinema?)
- Onde é que o João pôs os quadros? (? Onde é que pôs o João os quadros?)
- Porque é que a Rita saiu? (? Porque é que saiu a Rita?).

Além da inserção do elemento *é que*, a presença de um *nome foneticamente realizado* nos constituintes QU- interrogativos também impede a inversão sujeito-verbo. Porém, para a maioria dos falantes, esta construção exige um acento contrastivo sobre o sujeito, ou sobre o elemento interrogativo²³:

- Que amigo o JOÃO encontrou no cinema?
- QUE AMIGO o João encontrou no cinema?

Já nas orações interrogativa QU- indiretas, a obrigatoriedade de inversão que existia nas orações diretas passa a ser facultativa (exceto no uso dos pronomes *que* ou de *porque*²⁴). O uso de *é que* também é possível, sendo a agramaticalidade que ocorre com o uso dos pronomes *que* e *porque* resolvida²⁵. Além disso, assim como nas orações diretas, os constituintes com *nome foneticamente realizado* também não exigem a inversão nas orações interrogativas indiretas. Todas as informações apresentadas foram resumidas no seguinte quadro²⁶:

²¹ Ibidem, p. 59.

²² A ordem VS é aceita nas orações interrogativas diretas com o elemento “é que”, porém sua forma é mais marcada que o uso da ordem SV.

²³ AMBAR, 1992, p. 60.

²⁴ Exemplo apresentado na p. 61: (26) a. Não sei que ofereceu o Pedro à Joana; b. * Não sei que o Pedro ofereceu à Joana. / (31) a. Não sei porque saiu a Rita; b.? * Não sei porque a Rita saiu.

²⁵ Exemplo também apresentado na p. 61: (34) a. Não sei que é que o Pedro ofereceu à Joana. / e. Não sei porque é que a Rita saiu.

²⁶ Os exemplos apresentados na tabela foram retirados das páginas 58, 59, 60 e 61.

	Interrogativas QU-	Interrogativas com o uso de -é que	Interrogativas com um nome foneticamente realizado
Orações Interrogativas Diretas	(6) a. (O) Que ofereceu o Pedro à Joana? b. * (O) Que o Pedro ofereceu à Joana? (7) a. Quem encontrou o João no cinema? b. * Quem o João encontrou no cinema?	(14) a. (o) que é que o Pedro ofereceu à Joana? b. Quem é que o João encontrou no cinema?	(22) c. Que amigo o JOÃO ²⁷ encontrou no cinema? d. QUE AMIGO ²⁸ o João encontrou no cinema? e. Que amigo encontrou o João no cinema?
Orações Interrogativas Indiretas	(30) a. Não sei onde pôs o João os quadros. b. Não sei onde o João pôs os quadros. (33) a. Não sei quando entra a Joana de férias. b. Não sei quando a Joana entra de férias.	(34) d. Não sei onde é que o Pedro pôs os quadros. g. Não sei quando é que a Joana entra de férias.	(38) a. Não sei em que galeria o Pedro pôs os quadros b. Não sei em que galeria pôs o Pedro os quadros. (41) a. Não sei em que mês a Joana entra de férias. b. Não sei em que mês entra a Joana de férias.

2.1.2. Estudo diacrônico: do português clássico ao português moderno

Como já mencionado anteriormente, trabalhos recentes mostram que a ordem das palavras mudou ao longo do tempo nas orações afirmativas. Paixão de Sousa (2004), ao analisar as diversas ocorrências do sujeito nas orações afirmativas não dependentes enclíticas e proclíticas, constatou que o sujeito se encontra cada vez mais na posição pré-verbal ao decorrer dos séculos. Galves e Gibrail (2013) e Galves e Paixão de Sousa (2013) também perceberam em seus estudos que a ordem das palavras distingue o português clássico do português moderno.

²⁷ Estas letras maiúsculas correspondem ao acento contrastivo sobre o sujeito.

²⁸ Estas letras maiúsculas correspondem ao acento contrastivo sobre o elemento interrogativo.

Nos textos datados nos séculos XVI e XVII, Galves e Gibrail (2013) observaram que orações com a ordem VSO e VOS podiam receber interpretações que não são mais possíveis na língua moderna (cf. Ambar, 1992; Costa, 2004). Uma dessas interpretações é o fato da ordem VS permitir que a sentença inteira seja interpretada como uma nova informação²⁹:

- “Em várias partes das fronteiras **fizeram os castelhanos fumo**”.
- “Aos 10 de Janeiro de 1650 **desferiu as velas o Padre Vieira** para aquele maior teatro do mundo Católico”.

Outra característica do português clássico era utilizar as ordens VSO e VOS quando nem o sujeito nem o objeto eram o foco da informação³⁰:

- “Por deante, Ezechiel, diz Deus terceira vez.” / “**Passa Ezechiel a terceira parede**”.
- “Cuidas tu, Ezechiel [...] Ora rompe essa parede e verás.” / “**Rompeu a parede Ezechiel**”.

Além disso, quando o objeto era o foco, a sentença podia ser da ordem VSO:

- “**Tomaram-lhe os nossos algumas armas, e munições**”³¹.

No português clássico o sujeito pós-verbal podia ser interpretado como um “tópico familiar”. Segundo Galves e Gibrail (2013), os “tópicos familiares” (em inglês, *familiar topics*) referem-se a nomes próprios de algum personagem principal de uma narrativa, a Deus e outras entidades religiosas (“O Diabo”, “O Espírito Santo”), ou podem se referir a entidades abstratas ou genéricas, como “inimigos”, a “humanidade”. Como exemplo, temos na biografia do próprio Frei Bertolameu:

- “**Começou Frei Bertolameu seu noviciado** desassombradamente”³².

As autoras afirmam em seu estudo que esses fatos distinguem o português clássico do português moderno, tal como é descrito por Costa (2004). Segundo o autor, no

²⁹ Apud GALVES e GIBRAIL, 2012, p. 2.

³⁰ Ibidem, p. 2.

³¹ Ibidem, p. 2.

³² Ibidem, p. 3.

português moderno, quando a sentença inteira é uma informação nova, a ordem que deve ser adotada é a SVO, não sendo admitida a ordem com o sujeito pós-verbal, muito presente nesses casos no português clássico. Além disso, quando o sujeito e o objeto são focados, a ordem utilizada é a VSO; e em casos em que apenas o objeto é foco da oração, a ordem adotada é a SVO.

Para uma melhor visualização dos fatos, as tabelas abaixo comparam as informações de Costa (2004), para o português moderno, com os resultados de Galves e Gibrail (2013), para o português clássico.

Português Moderno

	Ordem utilizada
(a) Quando a sentença inteira é focada	SVO
(b) Quando o objeto é focado	SVO
(c) Quando o sujeito e objeto são focados	VSO
(d) Quando apenas o sujeito é focado	VOS

Português Clássico X Português Moderno

	Ordem utilizada no português clássico	Ordem utilizada no português moderno
- Caso em que a sentença pode ser interpretada como uma “nova informação”	VSO VOS SVO	Contrário a (a)
- Quando nem o objeto, nem o sujeito são focados	VSO VOS SVO	Contrário a (c) e (d)
- Quando o objeto é o foco	A ordem não é obrigatoriamente SVO	Contrário a (b)
- Caso em que o sujeito é interpretado como um tópico familiar	Sujeito pós-verbal (VSO)	Contrário a (c) e (d)

Galves e Gibrail (2013) argumentam que no português clássico, um sujeito pós-verbal podia receber uma interpretação tópica, pois ocupava uma posição alta na oração. Assim, o decréscimo da ordem VS a partir do séc. XVIII é devido à perda de movimento do verbo para uma posição alta da estrutura sintática (dentro do sistema CP). A partir do momento que o verbo parou de se mover para C, a posição do sujeito pós-verbal passa a ser uma posição baixa, na qual o sujeito só pode receber interpretação de foco, e não mais de tópico.

3. CRONOGRAMA PREVISTO

Inicialmente, o cronograma desta pesquisa era composto da seguinte maneira:

- **Tarefa 1:** Leitura da bibliografia disponível sobre as mudanças sintáticas na história do português, em particular no que diz respeito à ordem de palavras.
- **Tarefa 2:** Levantamento com o auxílio de *Corpus Search*, análise e classificação das orações interrogativas encontradas no *corpus*.
- **Tarefa 3:** Descrição e análise das mudanças sintáticas observadas nos dados. Redação do relatório final.

Mês	Mar	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Tarefa 1	X	X	X	X						
Tarefa 2		X	X	X	X					
Tarefa 3					X	X	X	X	X	X

No relatório parcial foram descritas as atividades realizadas na primeira metade do trabalho, ou seja, de março a junho. Assim, foram executadas nessa primeira etapa a tarefa 1 e 2, porém, a tarefa 2 começou a ser realizada em maio, e não em abril.

Em relação a segunda metade da pesquisa, em que era previsto terminar a tarefa 2 e realizar a tarefa 3, algumas modificações ocorreram. Ao serem analisadas e classificadas as orações interrogativas encontradas no *corpus*, surgiu novamente a necessidade de um apoio bibliográfico. Dessa maneira, foi preciso consultar novamente as obras já lidas na

primeira metade deste trabalho, e também outras referências bibliográficas foram buscadas.

O mesmo ocorreu na execução da tarefa 3, em que estava previsto descrever e analisar as mudanças sintáticas observadas nos dados, e redigir o relatório final. Em ambas atividades, outras obras foram adquiridas e lidas durante este processo. A elaboração do relatório final iniciou-se no final de setembro.

4. MÉTODOS E MATERIAS UTILIZADOS

O *Corpus* considerado nesse estudo é formado por 16 textos anotados sintaticamente de autores portugueses, nascidos entre os séculos XVI e XIX, que estão disponíveis no *Corpus Tycho Brahe*.

O *Corpus* eletrônico *Tycho Brahe* foi inicialmente desenvolvido junto ao projeto temático “Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros & Mudança Linguística”³³, visando aperfeiçoar o estudo do português europeu e, conseqüentemente, melhorar a caracterização das sucessivas gramáticas. Em relação ao estudo do português histórico, podemos dizer que o *Corpus Tycho Brahe* é o único *Corpus* já disponível para esse período. Nele encontra-se atualmente 63 textos, com um total de 2.714.512 palavras. Dos 63 textos, 33 textos apresentam anotação morfológica e 16 anotação sintática³⁴. O restante dos textos já estão disponíveis *online*, mas ainda não foram anotados. Um dos objetivos do projeto é construir um grande *Corpus* anotado sintaticamente.

Os 16 textos utilizados nesta pesquisa foram:

Século XVI

- “História da Província de Santa Cruz” (Pero de Magalhães Gandavo, 1502³⁵).
- “Perigração” (Fernão Mendes Pinto, 1510).
- “Décadas” (Diogo de Couto, 1542).
- “A vida de Frei Bertolameu dos Mártires” (Luis de Sousa, 1556).

Século XVII

- “Gazeta” (Manuel de Galhegos, 1597).
- “Sermões” (Padre Antônio Vieira, 1608).
- “Vida e Morte de Madre Helena da Cruz” (Maria do Céu, 1658).
- “Vida do Apostólico Padre Antônio Vieira” (André de Barros, 1675).

³³ Grupo de pesquisa financiado desde 1998 pela FAPESP, pelo intermédio de três projetos temáticos. O mais recente entrou em vigência em outubro de 2012.

³⁴ O sistema de anotação sintática foi desenvolvido e implementado por Helena Britto e Charlotte Galves no Instituto de estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP). Este sistema de anotação é baseado no sistema desenvolvido por Anthony Kroch e Ann Taylor para o *Penn-Helsinki Parsed Corpus of Middle English*, na Universidade da Pensilvânia.

³⁵ Datas referentes ao nascimento dos autores.

Século XVIII

- “Cartas” (Cavaleiro de Oliveira, 1702).
- “Reflexões sobre a Vaidade dos Homens” (Matias Aires, 1705).
- “Cartas” (Marquesa de Alorna, 1750).
- “Entremezes de Cordel” (José Daniel Rodrigues da Costa, 1757).

Século XIX

- “Teatro” (Almeida Garrett, 1799).
- “Memórias do Marquês da Fronteira e d’Alorna” (Marquês da Fronteira e d’Alorna, 1802).
- “Maria Moisés” (Camilo Castelo Branco, 1826).
- “Cartas a Emília” (Ramalho Ortigão, 1836).

Para a realização desta pesquisa, foi utilizada a ferramenta de busca *Corpus Search*. A ferramenta *Corpus Search* é muito utilizada na Linguística de *Corpus* e consiste em um programa computacional em formato *Java*. Em um *corpus* devidamente anotado, um usuário pode automaticamente, a partir da ferramenta *Corpus Search*, buscar configurações lexicais e sintáticas de qualquer complexidade e coletar dados para uma posterior análise estatística, entre outras funções³⁶.

Em relação ao objetivo deste estudo, de pesquisar a mudança sujeito-verbo em orações interrogativas do português europeu, foram realizadas ao longo deste trabalho cinco buscas nos textos anotados sintaticamente do *Corpus Tycho Brahe*. Dessas cinco buscas, três ocorreram na primeira metade do trabalho³⁷. A quarta e quinta busca, na realidade, fazem parte de uma das buscas realizadas no início desta pesquisa, que precisou ser refeita já que não foram encontrados os dados necessários em um primeiro momento. Todas as buscas serão apresentadas a seguir.

A primeira busca tinha como objetivo localizar em todo o *corpus* as orações interrogativas. Para facilitar a pesquisa, dois grupos de orações interrogativas foram formados: interrogativas raiz e interrogativas encaixadas; sendo a maioria deste segundo grupo localizadas nos discursos indiretos, e algumas nos discursos diretos.

³⁶ Para mais informações, acesse: <<http://corpussearch.sourceforge.net>>.

³⁷ As três primeiras buscas foram apresentadas no relatório parcial de iniciação científica entregue à FAPESP no mês de julho de 2013.

- **Primeira busca**

Primeiro grupo- Interrogativas da raiz

define: port.def
node: IP*

query: (CP-QUE* ISROOT)

Segundo grupo- Interrogativas encaixadas

define: port.def
node: IP*

query: (CP-QUE* HasSister VB*)

As buscas apresentadas consistem em duas buscas simples. O uso de “define” é opcional para os usuários do *Corpus Search*. Ele facilita a busca, pois permite atribuir um único rótulo a uma lista de etiquetas que está salva no computador em um documento, nesse caso, nomeado como “port.def”. Já “node” precisa ser especificado em toda busca e seu valor está em determinar o limite do “nó” (dentro de uma análise sintática). Caso ele seja ignorado, a busca resultará em erro. Em “query” está sendo especificado o que deseja ser encontrado na busca. No primeiro grupo, foi pedido “(CP-QUE* ISROOT)”³⁸, ou seja, todas as orações interrogativas (a etiqueta usada para orações interrogativas é “CP- QUE”), raízes (não dependentes).

Já no segundo grupo, o objetivo da busca “(CP-QUE* HasSister VB*)” era localizar todas as orações interrogativas do *corpus* que são irmãs, ou seja, complemento de um verbo (x HasSister y se x e y são imediatamente dominados pela mesma categoria).

³⁸ É imprescindível o uso do * após as etiquetas mencionadas nas buscas. Segundo o manual do Corpus Search <disponível *online* em: <http://corpussearch.sourceforge.net/CSmanual/Contents.html>>: “* works as in regular expressions, that is, it stands for any string of symbols. For instance, “CP*” means any label beginning with the letters CP (e.g. CP, CP-ADV, CP-QUE-SPE). “*-SPE” means any label ending with “-SPE” [...] * may be used anywhere in the function argument; beginning, middle or end”. **Tradução própria:** “o * funciona como em expressões regulares, ou seja, ele representa qualquer sequência de símbolos. Por exemplo, “CP*” significa qualquer etiqueta que começa com as letras CP (exemplo: CP, CP-ADV, CP-QUE-SPE). “*-SPE” significa qualquer etiqueta que termina com “-SPE” [...] * pode ser usado em qualquer lugar das etiquetas; começo, meio e fim”.

Após essa primeira busca, duas outras foram realizadas nesses dois grupos com o objetivo de selecionar todas as orações em que o elemento interrogativo não era o próprio sujeito e todas as orações em que o verbo utilizado não fosse da família do verbo ‘ser’, dadas as peculiaridades da sintaxe desse verbo.

- **Segunda busca**

Primeiro Grupo

define: port.def
node: IP*

```
query: (CP-QUE* ISROOT)
AND (CP-QUE* iDoms IP*)
AND (IP* iDoms NP-SBJ*)
AND (IP* iDoms tns_vb2)
AND (NP-SBJ* iDoms !\**)
```

Segundo Grupo

define: port.def
node: IP*

```
query: (CP-QUE* HasSister VB*)
AND (CP-QUE* iDoms IP*)
AND (IP* iDoms NP-SBJ*)
AND (IP* iDoms tns_vb2)
AND (NP-SBJ* iDoms !\**)
```

Nesta segunda busca, o comando apresentado “(CP-QUE* iDoms IP*)” determina que as orações interrogativas precisam dominar imediatamente um IP. Em seguida, como podemos ver, é especificado que esse “IP” precisa dominar imediatamente um “NP-SBJ”, ou seja, um nome que seja o sujeito. No arquivo de definições, “tns_vb2” reagrupa todos os verbos menos ‘ser’. Por último, a busca exige que “NP-SBJ” não domine (o comando “!” significa NÃO) um elemento vazio, sendo eliminadas assim todas as orações em que o pronome interrogativo seja o próprio sujeito.

As orações interrogativas raiz localizadas na primeira busca foram eliminadas, após as exigências da segunda busca. Entretanto, como será descrito em breve, a busca com as orações interrogativas raiz foi refeita, obtendo sucesso na segunda tentativa.

Em relação à terceira busca, como o objetivo do trabalho era observar a ordem sujeito-verbo, foi realizada outra busca em cima dos resultados do segundo grupo da segunda busca, com o objetivo de separar orações interrogativas encaixadas SV de orações interrogativas de ordem VS.

- **Terceira busca**

Segundo grupo

define: port.def
print_complement: t
node: IP*

query: (CP-QUE* HasSister VB*)
AND (CP-QUE* iDoms IP*)
AND (IP* iDoms NP-SBJ*)
AND (IP* iDoms tns_vb2)
AND (NP-SBJ* iDoms !**)
AND (NP-SBJ* precedes tns_vb2)

Nesta terceira busca, apenas uma exigência é acrescentada. Em “(NP-SBJ* precedes tns_vb2)” é determinado que o sujeito preceda os verbos etiquetados em “tns_vb2”. Além disso, por ser colocada a função “print_complement: t”, esta busca deu origem a dois documentos (“CP_QUE_sub_SV.out” e “CP_QUE_sub_SV.cmp”), sendo o primeiro com todas as orações interrogativas encaixadas de ordem SV, e o segundo seu complemento, ou seja, todas as orações interrogativas encaixadas de ordem VS.

Como apresentado anteriormente, na segunda metade da realização deste trabalho, foi preciso realizar uma quarta busca, com a intenção de encontrar nos textos do *Corpus Tycho Brahe* orações interrogativas raiz em que o pronome interrogativo não fosse o

próprio sujeito e que o verbo utilizado não fosse da família do verbo ‘ser’. Assim, a segunda busca realizada no primeiro grupo foi refeita. Após modificar alguns comandos, a busca obteve êxito:

- **Quarta busca**

Primeiro grupo

define: port.def
node: \$ROOT

```
query: (CP-QUE* ISROOT)
AND (CP-QUE* iDoms W*)
AND (CP-QUE* iDoms IP-SUB*)
AND (IP-SUB* iDoms NP-SBJ*)
AND (IP-SUB* iDoms tns_vb2)
AND (NP-SBJ* iDoms !\**)
```

Como podemos perceber, dois comandos foram modificados (“node: **\$ROOT**” e “AND (CP-QUE* iDoms **IP-SUB**³⁹*)”) e outro foi acrescentado (“AND (CP-QUE* iDoms W*)”). O comando “node”, que determina o limite do “nó” da busca, precisou ser alterado, já que o *node* especificado em “IP” estava limitando o número de orações encontradas na terceira busca, excluindo as orações interrogativas raiz. Dessa maneira, com o nó sendo especificado em “\$ROOT”, ou seja, na raiz da árvore, as orações foram encontradas. Já o outro comando, “AND (CP-QUE* iDoms IP-SUB*)”, o “IP” foi modificado para “IP-SUB”, pois era preciso restringir a categoria de “IP”. No caso das orações interrogativas raiz, a categoria “IP” permite que seja dominado também o “IP-IND”, que nesse caso não funcionaria para a análise deste trabalho⁴⁰.

Em relação ao comando “(CP-QUE* iDoms W*)”, foi necessário acrescentá-lo, pois esta pesquisa observava apenas as orações interrogativas com elemento QU-. Assim,

³⁹ Nas buscas anteriores foi colocado “(CP-QUE* iDoms **IP***)”.

⁴⁰ Como exemplo de oração interrogativa com CP-QUE dominando IP-IND, temos: “Como há de chorar quem está contente?” (“Reflexões sobre a Vaidade dos Homens”, *Matias Aires*).

tal comando determinava que fossem localizadas apenas orações interrogativas (“CP-QUE”) que dominassem (“iDoms”) um elemento interrogativo QU- (“W”), excluindo assim as interrogativas sim/não.

Por fim, a quinta e última busca foi realizada em cima dos dados encontrados na quarta busca, a fim de separar as orações interrogativas raiz de ordem SV das orações interrogativas raiz de ordem VS.

- **Quinta busca**

Primeiro grupo

```
define: port.def  
print_complement: t  
node: $ROOT
```

```
query: (CP-QUE* ISROOT)  
AND (CP-QUE* iDoms W*)  
AND (CP-QUE* iDoms IP-SUB*)  
AND (IP-SUB* iDoms NP-SBJ*)  
AND (IP-SUB* iDoms tns_vb2)  
AND (NP-SBJ* iDoms !\**)  
AND (NP-SBJ* precedes tns_vb2)
```

O comando “(NP-SBJ* precedes tns_vb2)” foi colocado desta vez, com o objetivo de encontrar orações interrogativas raiz em que o sujeito precedia os verbos nomeados por “tns_vb2”. Além disso, assim como na terceira busca, a função “print_complement: t” também foi acrescentada com o intuito de criar dois documentos (no caso, “CP_QUE_root_SV.out” e “CP_QUE_root_SV.cmp”), sendo o primeiro todas as orações interrogativas raiz de ordem SV, e o segundo todas as orações interrogativas raiz de ordem VS.

5. RESULTADOS

Após a primeira busca realizada, dois grupos de orações interrogativas foram formados: interrogativas raiz e interrogativas encaixadas. No total, foram localizadas 2.010 (5,86%) orações interrogativas dentre 34.264 orações que existem nos textos anotados sintaticamente do *Corpus Tycho Brahe*, sendo 1.185 (aproximadamente 59%) orações interrogativas raiz e 825 (aproximadamente 41%) orações interrogativas encaixadas.

Entretanto, depois das exigências da segunda busca, o número de orações interrogativas encaixadas diminuiu para 159. Em relação às orações interrogativas raiz, a quarta busca apresentada anteriormente permitiu encontrar 165 orações interrogativas raiz em que o pronome interrogativo não era o próprio sujeito e o verbo não era da família do verbo ‘ser’. Em termos estatísticos, como existem no total 34.264 orações no *corpus* analisado, podemos considerar que foram analisadas nesta pesquisa apenas 324 orações, ou seja, um pouco menos de 1% de todo o *corpus*.

Para uma melhor visualização, será apresentado na tabela abaixo o número de orações interrogativas raiz e encaixadas em cada século:

Século	Número de orações interrogativas raiz	Número de orações interrogativas encaixadas	Número de orações total
XVI	4	35	5.565
XVII	37	36	6.819
XVIII	34	35	10.966
XIX	90	53	10.914
Total	165	159	34.264

5.1.As orações interrogativas do português europeu

5.1.1. Orações interrogativas raiz

Das 165 orações interrogativas raiz encontradas, foram localizadas apenas 5 orações de ordem SV:

Séc. XVI- “Como o Arcebispo fundou o Colégio da Companhia de Jesus na sua cidade de Braga?”⁴¹ (*A vida de Frei Bertolameu dos Mártires*, Luis de Sousa)

Séc. XVIII- “E como é que elas podiam ser anteriormente?” (*Cartas*, Cavaleiro de Oliveira)

Séc. XIX- “Com que eu hei de pagar?” (*Teatro*, Almeida Garrett)

Séc. XIX- “Mas ... que novas dores a esperança me está gerando na alma!”⁴² (*Maria Moisés*, Camilo Castelo Branco)

Séc. XIX- “Como a morte em poucas horas transformara uma criatura linda como os anjos num charco de podridões?” (*Maria Moisés*, Camilo Castelo Branco)

Apesar do limitado resultado, podemos observar itens muito interessantes nessas 5 orações. Primeiramente, nota-se que das 5 orações encontradas, apenas uma é do século XVI⁴³. O restante foram localizadas no século XVIII e XIX, sendo a maioria do século XIX. Além disso, na sentença do século XVIII “E como é que elas podiam ser anteriormente?”, aparece o expletivo “- é que”, que permite a ordem SV. Já na oração “Mas ... que novas dores a esperança me está gerando na alma!”, o pronome interrogativo é acompanhado por um nome “novas dores”, que também permite a ordem SV.

Por fim, na oração “Como a morte em poucas horas transformara uma criatura linda como os anjos num charco de podridões?”, o sujeito “a morte” é separado do verbo “transformara” por outro sintagma “em poucas horas”.

5.1.2. Orações interrogativas encaixadas

⁴¹ Apesar de ser encontrada assim na busca do *Corpus Tycho Brahe*, esta sentença faz parte do título do capítulo XIX da obra de Luis Sousa. Outro título semelhante a este foi localizado na obra original: “CAPÍTULO VIII Como o Provincial lhe pôs preceito que aceitasse o arcebispado e, obrigado da obediência, o aceitou.” (SOUSA, 1619, p. 45)

⁴² Apesar de ser anotada no *Corpus Tycho Brahe* como uma oração interrogativa direta, o ponto de exclamação no final da sentença deixa dúvidas se trata de uma exclamativa ou uma interrogativa.

⁴³ Entretanto, ao consultar o material analisado, percebemos que essa oração não é propriamente uma pergunta, e sim um título, deixando-nos dúvida se devemos mesmo considerá-la.

Em relação à ordem de palavras, foram localizadas na terceira busca 73 orações interrogativas encaixadas de ordem SV (aproximadamente 46%) e 86 orações interrogativas encaixadas de ordem VS (aproximadamente 54%), no total de 159 orações interrogativas encaixadas encontradas. Entretanto, apesar do maior número de orações interrogativas encaixadas de ordem VS, é possível perceber uma mudança na ordem ao longo dos séculos, como mostram as tabelas a seguir:

Século XVI

Texto	Orações encontradas SV	Orações encontradas VS
- ⁴⁴ (g_008) “História da Província de Santa Cruz” (Pero de Magalhães Gandavo, 1502)	0/1	1/1
- (p_001) “Periginação” (Fernão Mendes Pinto, 1510)	7/13	6/13
- (c_007) “Décadas” (Diogo de Couto, 1542)	3/6	3/6
- (s_001) “A vida de Frei Bertolameu dos Mártires” (Luis de Sousa, 1556).	5/15	10/15
Resultado	15/35	20/35

Século XVII

Texto	Orações encontradas SV	Orações encontradas VS
- (g_001) “Gazeta” (Manuel de Galhegos, 1597).	1/4	3/4

⁴⁴ Cada texto apresenta um código deste para ser representado no *corpus* sintaticamente anotado.

- (v_004) “Sermões” (Padre Antônio Vieira, 1608).	4/19	15/19
- (c_002) “Vida e Morte de Madre Helena da Cruz” (Maria do Céu, 1658).	2/8	6/8
- (b_001) “Vida do Apostólico Padre Antônio Vieira” (André de Barros, 1675).	0/5	5/5
Resultado	7/36	29/36

Século XVIII

Texto	Orações encontradas SV	Orações encontradas VS
- (c_001) “Cartas” (Cavaleiro de Oliveira, 1702).	4/13	9/13
- (a_001) “Reflexões sobre a Vaidade dos Homens” (Matias Aires, 1705).	3/6	3/6
- (a_004) “Cartas” (Marquesa de Alorna, 1750).	3/6	3/6
- (c_005) “Entremezes de Cordel” (José Daniel Rodrigues da Costa, 1757).	6/10	4/10
Resultado	16/35	19/35

Século XIX

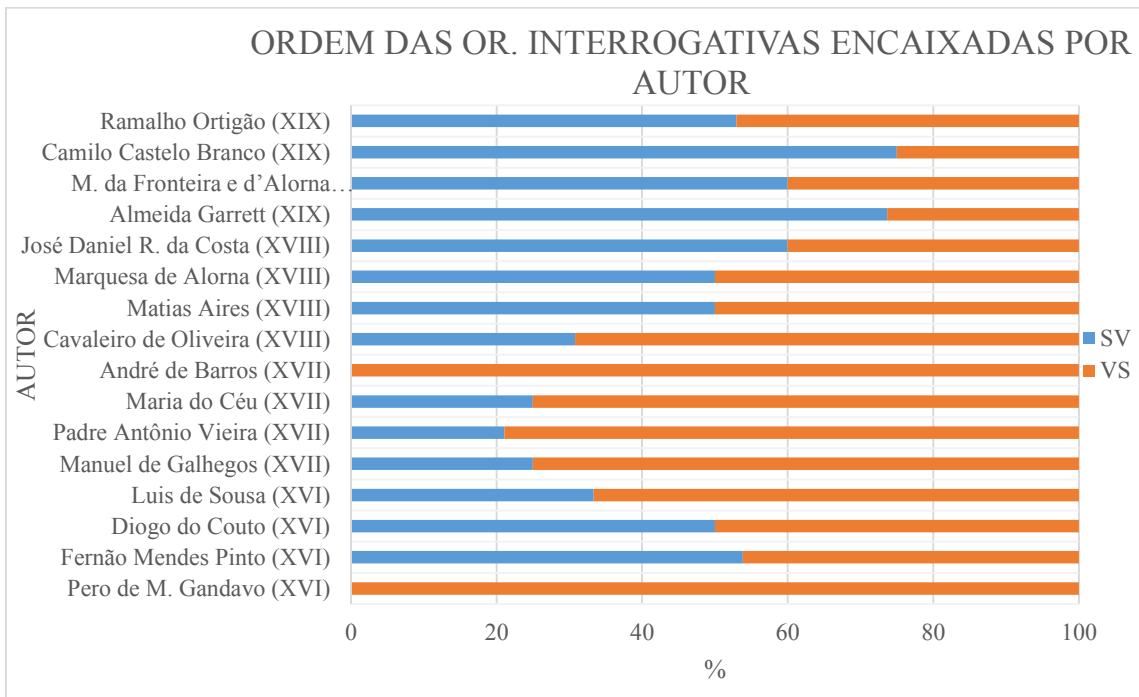
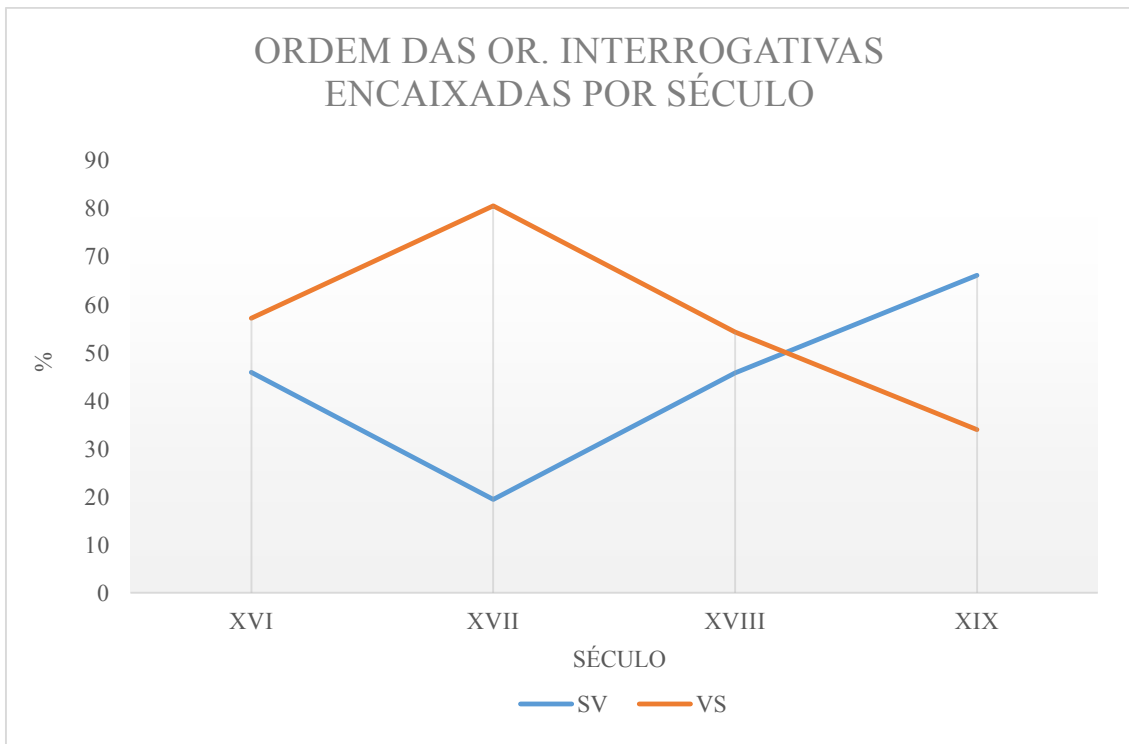
Texto	Orações encontradas SV	Orações encontradas VS
- (g_004) “Teatro” (Almeida Garrett, 1799).	14/19	5/19
- (a_003) “Memórias do Marquês da Fronteira e d’Alorna” (Marquês da Fronteira e d’Alorna, 1802).	3/5	2/5

- (b_005) “Maria Moisés” (Camilo Castelo Branco, 1826).	9/12	3/12
- (o_001) “Cartas a Emília” (Ramalho Ortigão, 1836).	9/17	8/17
Resultado	35/53	18/53

Século	Orações interrogativas encaixadas SV	Orações interrogativas encaixadas VS
XVI	15 (42,85%)	20 (57,15%)
XVII	7 (19,44%)	29 (80,56%)
XVIII	16 (45,71%)	19 (54,29%)
XIX	35 (66,04%)	18 (33,96%)

Resultado geral em relação ao século

Como podemos perceber, os dados mostram que nos textos do século XVI o número de orações interrogativas encaixadas de ordem VS é maior que o número de orações interrogativas encaixadas de ordem SV. Essa diferença é ainda maior no século XVII, sendo encontradas 29 orações (80,56%) de ordem VS, e apenas 7 (19,44%) de ordem SV. No século XVIII, esse quadro começa a se alterar, mas o número de interrogativas de ordem VS é ainda maior. Por fim, a partir dos resultados do século XIX, é observada uma mudança na ordem, sendo no século XIX o número de orações interrogativas de ordem SV quase o dobro do número de orações interrogativas VS. Esse resultado é ilustrado nos gráficos abaixo:



Diante do segundo gráfico apresentado, podemos observar algumas variações entre os autores, mas não existe nenhuma discrepância que foge exacerbadamente do padrão observado em cada século. No século XVI, por exemplo, podemos observar que

apenas Fernão Mendes Pinto apresenta em seu texto um maior número de orações interrogativas encaixadas SV, quando comparado com o número de orações interrogativas de ordem VS. Entretanto, a diferença encontrada é mínima, sendo das 13 orações localizadas, apenas 7 com a ordem SV.

Além do mais, o texto mais antigo do século XVI, de Pero de Magalhães Gandavo (nascido em 1502), apresenta apenas a ordem VS nas orações interrogativas encaixadas. Porém, não podemos deduzir nada com esse resultado, pois só foi encontrada uma oração interrogativa encaixada nesta obra.

Nos textos do século XVII, o número de orações interrogativas encaixadas de ordem VS é maior em todos os autores. A maior diferença nos dados está no texto de André de Barros, que das cinco orações localizadas, todas são de ordem VS.

Já nos textos do século XVIII, é interessante observar que na obra de José Rodrigues da Costa, apesar da pouca diferença, das 10 orações interrogativas encaixadas encontradas, 6 são de ordem SV, ou seja, 60%. Apesar de ser o autor nascido mais tardiamente no século XVIII, sua data de nascimento ainda está um pouco afastada do século XIX (1757). Nesse caso, não é possível julgar com certeza sua data de nascimento como fator determinante para a variação da ordem. Assim, podemos pensar que o aumento do número de orações interrogativas encaixadas de ordem SV está relacionado com o gênero textual da obra, que é classificada no *Corpus Tycho Brahe* como um texto de dramaturgia. O gênero do teatro nos fornece um quadro mais próximo da língua falada na época, podendo, assim, apresentar características diferentes dos demais gêneros⁴⁵.

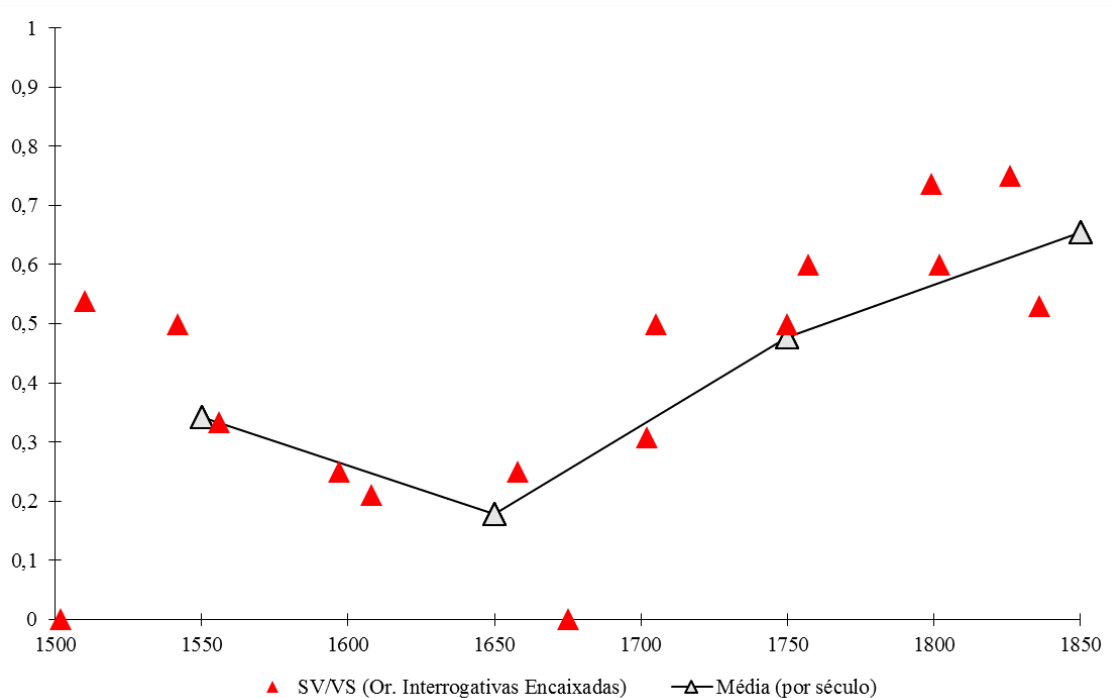
Por fim, é possível visualizar que a maior parte das orações interrogativas encaixadas encontradas nos textos do século XIX são de ordem SV. Curiosamente, apenas o Ramalho Ortigão, autor nascido mais tardiamente no século XIX (1836), apresenta um

⁴⁵ Os textos do *Corpus Tycho Brahe* são classificados por gênero também. Existem ao todo 9 textos narrativos, 2 textos dissertativos, 3 cartas e, por fim, 2 textos de dramaturgia.

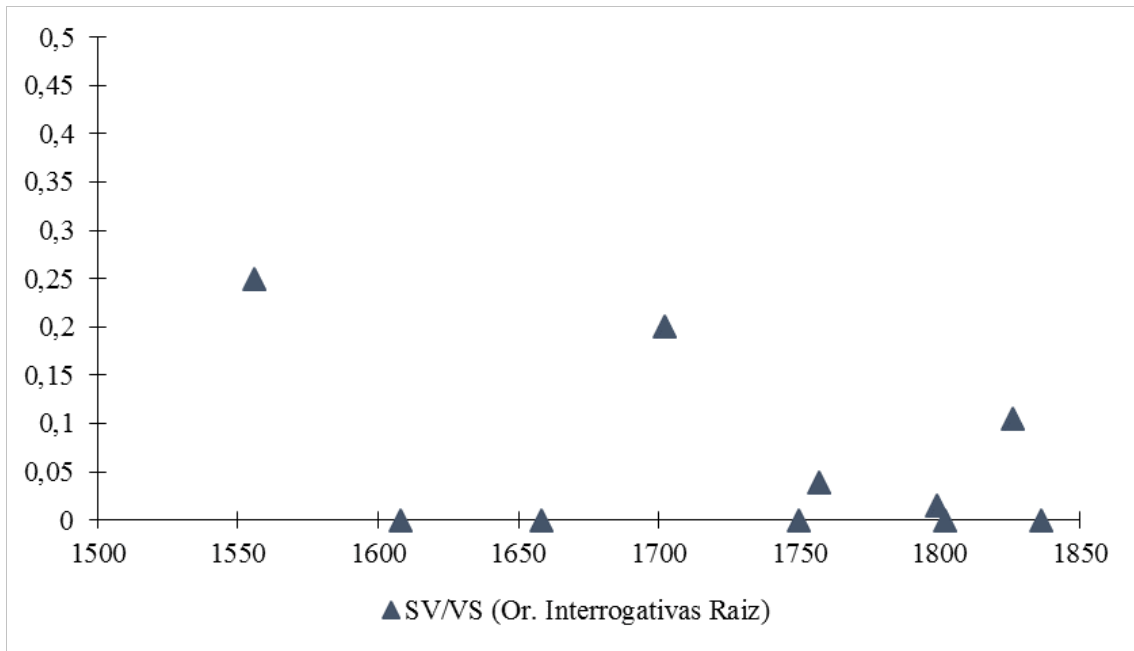
número muito parecido de orações interrogativas encaixadas de ordem SV e de orações interrogativas encaixadas de ordem VS: das 17 orações encontradas em seu texto, 9 são de ordem SV e 8 são de ordem VS.

5.2.A ordem SV nas orações interrogativas do português europeu

Como apresentado anteriormente, podemos concluir que houve ao longo do tempo uma mudança na ordem das orações interrogativas encaixadas. Assim, observa-se o aumento da ordem SV acontecendo nos autores nascidos na segunda metade do século XVIII no seguinte gráfico:



Em relação às orações interrogativas raiz, foram encontradas poucas orações com a ordem SV nas obras analisadas. Entretanto, como mostra o gráfico apresentado abaixo, a maioria das orações com a ordem SV foram encontradas em autores nascidos nos séculos XVIII e XIX.

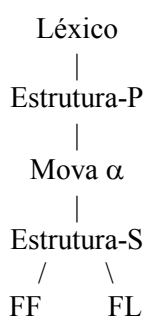


6. DISCUSSÃO

6.1. Breve introdução à “Teoria da Regência e da Ligação”

Diante da apresentação dos dados realizada por Ambar (1992), a autora procura uma explicação para a inversão sujeito-verbo no quadro da “Teoria da Regência e da Ligação” (em inglês, *Government and Binding Theory*) da Gramática Gerativa. Chomsky (1981) apresentou esta teoria, que está no campo da Gramática Universal, a partir dos seus dois maiores sistemas: o *sistema de regras* e o *sistema de princípios*.

Resumidamente, o *sistema de regras* é constituído pelas seguintes subcomponentes: léxico, sintaxe (componente categorial e componente transformacional), Forma Fonética (FF) e Forma Lógica (FL). Essas subcomponentes aparecem assim organizadas:



Já o sistema de princípios apresenta: Teoria dos Nós-Fronteira (*Bounding Theory*), Teoria da Regência (*Government Theory*), Teoria Temática (θ -*Theory*), Teoria da Ligação (*Binding Theory*), Teoria do Caso (*Case Theory*) e, por fim, Teoria do Controle (*Control Theory*).

6.2. Análise do fenômeno da inversão sujeito-verbo (Ambar, 1992)

Segundo os autores Kayne & Pollock (1978), a inversão que ocorre nas interrogativas do português europeu é resultado, assim como no francês, da regra de

Inversão Estilística, em que o SN sujeito é movido para a direita. Tal regra atuaria tanto em interrogativas não encaixadas como em interrogativas encaixadas e em relativas, assim como mostra, respectivamente, o exemplo em francês abaixo⁴⁶:

- (1) a. Quand partira ton ami?
- b. Je me demande quand partira ton ami.
- c. La Maison où habite cet homme est très jolie⁴⁷.

Entretanto, para estruturas como estas no espanhol, Torrego (1984) propõe uma análise diferente. Para essa autora, o exemplo do francês apresentado acima corresponderia alguns casos do espanhol, sendo explicados não como um movimento do sujeito para a direita, mas sim como um *movimento do verbo* para a esquerda do SN sujeito.

Diante dessas duas possibilidades, Ambar apresenta sua posição em relação à inversão que ocorre no português. Em primeiro lugar, caso fosse considerada a hipótese da Inversão Estilística (em que o SN sujeito se desloca para a direita), a autora explica que a obrigatoriedade em interrogativas diretas seria resultado de uma aplicação de *Mova- α* que deslocaria o sujeito da sua posição de base para uma posição adjunta, ou ao SV ou à “Flex”.

Caso fosse adotada a hipótese de destino do SN sujeito ser uma posição de adjunção a SV, as estruturas gramaticais ficariam:

- (8) [COMP'' [COMP' [FLEX'' O Pedro [FLEX' FLEX [SV escreveu [a quem]]]]]]
- (9) [COMP'' [Espec a quem] [COMP' [FLEX'' [v]_i [FLEX' FLEX [SV [SV escreveu [SN o Pedro]_i]]]]]] (AMBAR, 1992, p. 179)

⁴⁶ Apud AMBAR, 1992, p. 177.

⁴⁷ **Tradução própria:** (1) a. Quando partirá teu amigo? / b. Gostaria de saber quando partirá teu amigo. / c. A casa onde vive este homem é muito bonita.

Segundo a autora, esta opção de adjunção a SV tem alguns problemas, sendo um deles o de o SN adjunto não c-comandar o seu antecedente - o vestígio na posição de base do sujeito. Entretanto, na perspectiva de “Conexidade” (*Connectedness*) de Kayne (1984) a questão poderia ser resolvida.

Para Ambar, a hipótese de movimento do sujeito para a direita é no português tão possível quanto no francês. Entretanto, nela não encontramos respostas ao porquê da obrigatoriedade desse tipo de inversão nas interrogativas diretas e a não obrigatoriedade no caso de o constituinte interrogativo integrar um *nome foneticamente realizado*. A hipótese também dificultaria no momento de tentarmos encontrar uma explicação concreta para o comportamento particular do uso dos pronomes *que* e *porque* nas encaixadas.

Além disso, ao nos aprofundarmos na hipótese de movimento à direita do SN sujeito, ela se torna problemática. Atentemo-nos novamente às seguintes orações:

- a. (O) Que ofereceu o Pedro à Joana?
- b. * (O) Que o Pedro ofereceu à Joana?

Segundo Ambar, ao admitirmos que, para a derivação da ordem dada no item a., o sujeito se desloca para a direita, teremos também que considerar como sua posição de destino uma posição no interior do SV. Todavia, em qualquer dos dois movimentos atribuídos na teoria (substituição ou adjunção), o movimento para o interior de SV é impossível.

No movimento de substituição, o sujeito teria que ocupar uma posição de complemento, o que violaria o Critério- θ , já que essa função já foi atribuída ao elemento “que”.

Em relação ao movimento de adjunção,

[...] o SN sujeito, uma projeção máxima, ficaria adjunto ou a uma cabeça (o verbo) ou a uma projeção não-máxima dessa cabeça (o verbo mais o vestígio do elemento QU- deslocado para COMP), indo assim contra a ideia de que adjunções de projeções máximas se fazem a projeções máximas, da mesma forma que substituições de projeções máximas são feitas por projeções máximas e que cabeças só podem ocupar posições de cabeça, uma forma de generalização da Hipótese de Preservação de Estrutura de Emonds (cf. Chomsky (1986b). (AMBAR, 1992, p. 182)

Assim, a partir das razões expostas, a autora admite que o SN sujeito não se desloca para a direita. Como alternativa, resta-nos a hipótese de que o verbo, na verdade, se desloca para a esquerda. Tal argumentação não se restringe apenas às orações interrogativas QU-, sendo válida também para os outros contextos estudados pela autora, como por exemplo os casos de inversão em interrogativas sim/não, em contextos de pergunta-resposta ou em parentéticas, como mostra, respectivamente, os exemplos abaixo⁴⁸:

- (15) a. Comprará a Joana o livro?
b. ?? Comprará o livro a Joana?
c. ? Comprará o livro A JOANA?

- (17) Comeu a Joana.
(17') Comeu *a Joana* os morangos.
(17'') Comeu *ela* os morangos.
(17''') *? Comeu os morangos *ela*.

- (18) Vou-me embora – anunciou o Gonçalo.
(18') Vou-me embora – anunciou *o Gonçalo* aos presentes.
(18'') Vou-me embora – anunciou *ele* aos presentes.
(18''') *? Vou-me embora – anunciou aos presentes *ele*.

Mateus *et al.* (2003) também explicam a inversão sujeito-verbo nas orações interrogativas com base na hipótese de que o verbo se desloca para a esquerda:

Em conclusão: em interrogativas parciais, **o movimento V para COMP** é obrigatório nos casos em que o morfema Q é um item isolado: um SN (*que, o que*), um Advérbio (*onde, como, quando*) ou um quantificador (*qual, quanto*). Nas interrogativas com quantificador interrogativo (*que, qual, quanto*) seguido de N, isto é, com constituintes

⁴⁸ AMBAR, 1992, p.183-184.

interrogativos complexos, o movimento do V para COMP não é motivado. Em interrogativas subordinadas, a obrigatoriedade de alteração de ordem de palavras só se verifica com o morfema *que*. (MATEUS *et al.*, 2003, p.474, grifo meu)

6.3.A subida do verbo

A partir de toda essa discussão apresentada no livro de Ambar, e da afirmação de Mateus e *al.* (2003), nos apoiaremos na hipótese de que a inversão no português europeu ocorre devido ao movimento do verbo para análise dos dados desta pesquisa. Assim, primeiramente, é possível perceber que no português europeu moderno a inversão sujeito-verbo em orações interrogativas é obrigatória em alguns casos e facultativa em outros. Dessa maneira, será apresentado em seguida os principais desencadeadores da subida do verbo obrigatória elencados por Ambar.

6.3.1. Categoria vazia no constituinte QU- interrogativo e o *nome foneticamente realizado*

Ambar (1992) observa que constituintes QU- interrogativos, quando não são argumentos temáticos do verbo, desencadeiam a inversão sujeito-verbo obrigatória. Como exemplo, temos⁴⁹:

- (22) a. Por que saiu a Rita?
b. * Por que a Rita saiu?
- (23) a. * Que o Pedro ofereceu à Joana?
b. ? Que disco o Pedro ofereceu a Joana?
c. Que disco O PEDRO ofereceu à Joana?
d. QUE DISCO o Pedro ofereceu à Joana?
e. Que (disco) ofereceu o Pedro à Joana?

⁴⁹ AMBAR, 1992, p. 187.

A análise proposta pela autora mostra que o contraste entre (23a) e (23b), ou seja, a ausência vs. a presença de um *nome foneticamente realizado*, comprova a existência de uma categoria vazia. Assim, a primeira oração mostrada em (23), seria representada dessa maneira: * [COMP'' [QUE [e]]_i [COMP' [FLEX'' O Pedro [FLEX' FLEX [SV ofereceu_i à Joana]]]]]⁵⁰. Sendo [e] a representação de uma categoria vazia, a oração é considerada agramatical, já que a categoria vazia no constituinte QU- viola o Princípio da Categoria Vazia, que estipula que uma categoria vazia deve ser propriamente regida.

Entretanto, a agramaticalidade dessa oração pode ser impedida através de um Movimento α , que moveria o verbo para a posição COMP. Assim, o verbo regeria a categoria vazia na posição de Espec.: [COMP'' [QUE [e]]_i [COMP' ofereceu_{jk} [FLEX'' O Pedro [FLEX' V_{jk} [SV v_j v_i à Joana]]]]]⁵¹.

Esta análise permite justificarmos o porquê da obrigatoriedade deste tipo de inversão: ocorre a subida do verbo, pois existe em Espec. de COMP uma categoria vazia que precisa ser regida. Vale-se lembrar que essa hipótese da existência de uma categoria vazia, na proposta de Ambar, é válida para qualquer elemento QU-⁵².

Já nos casos das orações interrogativas encaixadas, a autora acrescenta que a inversão sujeito-verbo é facultativa, exceto nas encaixadas com o uso dos pronomes *que* ou *porque* (cf. seção 2.1.1. deste trabalho). Para Ambar, a diferenciação que existe no uso de cada pronome interrogativo pode ser explicada “se considerarmos que a categoria vazia postulada tem traços que permitem distinguir uma ocorrência de outra.” (AMBAR, 1992, p. 189).

⁵⁰ Ibidem, p. 188.

⁵¹ Ibidem, p. 188.

⁵² “Assim, interrogativos QU- como *quem, o que, quando, onde, como, porque* recebem, do ponto de vista da existência de uma categoria vazia, um tratamento uniforme.” (AMBAR, 1992, p. 189)

Conseqüentemente, referindo-se aos traços de R como traços-*r* – sendo R um subconjunto de \emptyset ⁵³– Ambar (1992) conclui que os constituintes QU- *quem, o que, quando, onde, como*, são marcados [+r], enquanto *que* seria [-r]. Assim, “note-se que, intuitivamente, *que* tem, nas frases em que ocorre, escopo sobre o domínio de referência mais genérico (ou menos restrito) que os outros constituintes.” (AMBAR, 1992, p. 189).

Em relação ao *porque*, a autora defende a seguinte estrutura interna ao pronome: [por [QUE [e]-r]]⁵⁴. Sua agramaticalidade em alguns casos de encaixada, assim, é justificada pelo fato de existir neste constituinte um elemento regente (por), fazendo da categoria vazia uma categoria não suficientemente regida.

Além disso, Ambar justifica a facultatividade da inversão sujeito-verbo na maioria dos casos das orações interrogativas encaixadas, pelo fato de não ser necessário que o verbo suba para que seja regida a categoria [e] localizada no elemento QU-interrogativo, pois o papel da regência de [e] pode ser desempenhado pelo verbo da matriz.

6.3.2. O elemento *é que*

Como já mencionado anteriormente, a presença do elemento *é que* torna facultativa a inversão nas orações interrogativas diretas. Além disso, a ordem VS nessa situação, apesar de não ser considerada agramatical pelos falantes, apresenta uma forma mais marcada que o uso da ordem SV, exemplo⁵⁵:

- Como *é que* o Pedro conseguiu acabar o trabalho?
- ? Como *é que* conseguiu o Pedro acabar o trabalho?

⁵³ Tal categoria é adotada por Ambar através da noção de categoria vazia defendida por Chomsky (1981). O conjunto \emptyset inclui os traços [+humano], [+específico], [+tempo], [+lugar], [+modo], [+causa] às categorias. Assim, R seria um subconjunto de \emptyset , porém, restringindo os traços à categoria vazia.

Ex. “[QUE [e] + tempo] -> [quando].” (AMBAR, 1992, p. 190)

⁵⁴ AMBAR, 1992, p. 189.

⁵⁵ Ibidem, p. 59.

Ao analisar o elemento *é que*, Ambar observa que na literatura o *é que* é visto como: (i) uma partícula com função de realce (ii) uma forma derivada do verbo *ser*, acompanhada pelo complementador *que*.

Nos casos de inversão, porém, este elemento acaba desempenhando o mesmo papel que a subida do verbo, legitimando, conseqüentemente, o papel da categoria vazia: “De acordo com a minha análise, se *é que* pode desempenhar o mesmo papel que a subida do verbo, e se esta é exigida pela legitimação da categoria vazia, logicamente teremos que admitir que *é que* permite também a identificação dessa categoria.” (AMBAR, 1992, p. 198)

Assim, na oração “(O) que é que o Pedro ofereceu à Joana”⁵⁶, precisando a categoria vazia no especificador mais alto ser regida, a solução seria do *ser*, localizado em FLEX, subir para COMP, onde identificaria a categoria vazia em Espec. A estrutura prevista seria⁵⁷:

[COMP” [QUE [e] \pm r]_i [COMP’ \acute{e} _{jk} [FLEX” pro FLEX V_{jk} V_k [COMP” v’_i [COMP’ que [FLEX” O Pedro FLEX oferece- v_i à Joana]]]]]]

Observa-se que os vestígios v_i e v’_i representados obedecem ao Princípio da Categoria Vazia, pois ambos são regidos pelo seu antecedente.

6.4.Fator tempo: A inversão sujeito-verbo nas orações interrogativas

Diante dos resultados já apresentados nesta pesquisa, podemos concluir que ao longo do tempo houve uma mudança nas orações interrogativas do português europeu, em relação à ordem de palavras. Resumidamente, os textos escritos por autores nos

⁵⁶ AMBAR, 1992, p. 59.

⁵⁷ Ibidem, p. 198.

séculos XVI e XVII mostram que o número de orações interrogativas encaixadas VS (49 orações) era superior ao número de orações interrogativas encaixadas de ordem SV (22 orações) (**VS- 69,01% / SV- 30,99%**). Esse quadro começa se altera a partir do século XVIII, sendo no século XIX o número de orações interrogativas encaixadas de ordem SV (35 orações) quase o dobro do número de orações interrogativas VS (18 orações) (**SV- 66,04% / VS- 33,96%**).

Em relação às orações interrogativas raiz, poucas orações de ordem SV foram encontradas nos textos do *Corpus Tycho Brahe*. Entretanto, como já comentado, as 5 orações interrogativas raiz encontradas apresentam características que justificam uma mudança na ordem, assim como analisado por Ambar (1992). Além disso, em relação ao fator tempo, percebemos que apenas uma das orações se encontra no século XVI. As outras 4 foram localizadas no século XVIII e XIX, sendo a maioria do século XIX.

Como apresentado anteriormente, podemos assumir como fator determinante dessa mudança a perda do movimento do verbo para uma posição mais alta da estrutura sintática, assim como observado nas orações afirmativas (cf. Galves e Gibrail, 2013). Entretanto, diferente das orações interrogativas raiz, não é possível visualizar a perda do movimento do verbo como a principal razão para o aumento da ordem SV nas orações interrogativas encaixadas, já que nestas a inversão ocorre de maneira facultativa. Assim, será apresentada em seguida uma análise dos elementos destas interrogativas, na qual o principal objetivo é encontrar o que poderia ter influenciado o aumento da ordem SV neste tipo de oração. Os fatores observados nas orações encontradas foram:

1- Posição do sujeito utilizado em relação ao verbo: imediatamente posterior ou separado por um outro sintagma.

2- Natureza do verbo da oração: transitivo ou monoargumental.

3- Elemento QU- utilizado (Que, O que, Porque/Por que, Como).

Em relação à **posição do sujeito**, dentre as 35 orações interrogativas encontradas no século XIX com a ordem SV, apenas 7 apresentam um sintagma que separa o sujeito do verbo. Como exemplo, temos:

- “É que voltaria há pouco, sem se saber... porque elle **hontem** estava em Lisboa.”

(*Teatro*, Almeida Garrett)

- “Foi ela que foi lá (a) casa perguntar-me porque eu **não** visitava a Duquesa [...]” (*Carta*

a Emília, Ramalho Ortigão)

Além disso, em todos os séculos foram encontrados alguns casos de orações interrogativas encaixadas de ordem SV com um sintagma separando o sujeito do verbo. Em termos de porcentagem, houve uma oscilação em cada século em relação a posição do sujeito, como mostra a tabela abaixo⁵⁸.

Posição do sujeito em relação ao verbo	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX
Verbo imediatamente posterior ao sujeito	73, 34% (11/15)	57, 15% (4/7)	93, 75% (15/16)	74, 29% (26/35)
Verbo separado do sujeito por um outro sintagma	20% (3/15)	42, 85% (3/7)	6, 25% (1/16)	20% (7/35)

Dados encontrados nas orações interrogativas encaixadas de ordem SV

Entretanto, apesar de ainda predominar o verbo sendo imediatamente posterior ao sujeito nas orações interrogativas encaixadas SV, podemos observar alguns pontos

⁵⁸ Os clíticos não foram considerados como elementos intervenientes, uma vez que são núcleos afixados ao verbo.

interessantes. Na passagem do século XVIII para o século XIX, houve um aumento deste tipo de oração coincidindo com o avanço da ordem SV. Já em relação ao século XVII, das 7 orações de ordem SV encontradas, 3 delas apresentam a separação do sujeito e do verbo devido à presença de um sintagma.

Analisando este fato a partir das orações interrogativas raiz de ordem SV encontradas no *corpus*, podemos correlacionar o aparecimento da ordem SV com a separação do sujeito e do verbo a partir de um sintagma, pois, das 5 orações encontradas, uma⁵⁹ apresenta esta estrutura. O mesmo ocorre com as orações interrogativas encaixadas, em que a inversão sujeito-verbo é facultativa na maior parte dos casos? Um estudo mais profundo acerca deste fato precisaria ser feito para responder essa pergunta, mas a priori, não devemos descartar essa suposição.

Em relação à **natureza do verbo**, foram encontrados, majoritariamente, verbos transitivos, principalmente nas orações interrogativas encaixadas de ordem VS. Exemplos:

- “[...] mas desses, como físico-mor, sou eu o superintendente; e obrigado a saber se visitam eles os doentes [...]” (*A vida de Frei Bertolameu dos Mártires*, Luis de Sousa)
- “Agora passamos a ver em que consiste a economia do espaço.” (*Cartas*, Marquesa de Alorna)
- “Bem sei o que quer meu amo.” (*Entremezes de Cordel*, José Daniel Rodrigues da Costa)

É possível perceber que nas orações interrogativas encaixadas de ordem SV existe durante os séculos a ocorrência de verbos transitivos, intransitivos, copulares e alguns verbos pronominais. Entretanto, assim como nas encaixadas de ordem VS, predomina a presença de verbos transitivos, principalmente no século XIX. Apesar deste tipo de verbo

⁵⁹ “Como a morte **em poucas horas** transformara uma criatura linda como os anjos num charco de podridões.” (*Maria Moisés*, Camilo Castelo Branco)

se intensificar ao decorrer do tempo, nada pode-se dizer a respeito, pois, em todos os séculos analisados, o verbo mais utilizado é o transitivo. A diferença é que nos séculos XVI e XVII, os verbos transitivos aparecem junto a outros tipos de verbos. A partir do século XVIII e XIX, o número desses outros verbos diminuem, sendo ainda mais intenso o uso dos verbos transitivos.

Por fim, em relação ao tipo de **elemento QU-** utilizado em cada oração interrogativa encaixada, foram encontrados tanto nas orações de ordem SV como na orações de ordem VS um grande uso dos elementos “O que” e “Como”. Assim como descreve Ambar, o uso de “O que” predomina nas orações interrogativas encaixadas de ordem SV, já que o uso apenas de “Que”, assim como o de “Porque”, torna a oração agramatical se esta não for acompanhada pelo expletivo *é que* ou um *nome foneticamente realizado*⁶⁰. Curiosamente, aparecem um caso do pronome interrogativo “Que” e 3 casos do pronome interrogativo “Porque”:

“[...] porque sabia **que** os Portuguezes haviam de fazer com o Imperador que o fôsse buscar.” (*Décadas*, Diogo de Couto)

“É que voltaria há pouco, sem se saber ... **porque** elle hontem estava em Lisboa.” (Teatro, Almeida Garrett)

“[...]Você há-de saber pouco mais ou menos **por que** esta boa rapariga se deitou a afogar!” (*Maria Moisés*, Camilo Castelo Branco)

“Foi ela que foi lá a casa perguntar-me porque eu não visitava a Duquesa de Palmela [...]” (*Cartas a Emília*, Ramalho Ortigão)

Repare-se que com exceção do texto de Diogo de Couto, nascido no século XVI, as demais orações se encontram no século XIX, e cada uma foi escrita por um autor

⁶⁰ “*Não sei **que** o Pedro ofereceu à Joana.” / “Não sei **o que** o Pedro ofereceu à Joana.” / “Não sei que *é que* o Pedro ofereceu à Joana.” / “Não sei *que disco* o Pedro ofereceu à Maria.” (AMBAR, 1992, p. 61-62)

diferente. Isso mostra que, apesar de considerada agramatical no português europeu moderno, essa construção era possível em períodos mais antigos.

Já o uso do elemento “Como” apresenta um resultado curioso. Além de aparecer em muitas orações interrogativas encaixadas (das 159 orações interrogativas encaixadas, 33 apresentam o pronome “Como”), seu uso é predominante nas orações de ordem SV, pois das 33 ocorrências do elemento interrogativo “Como”, 20 são encontradas em orações em que o sujeito precede o verbo. Porém, como podemos ver na tabela abaixo, houve variação em seu uso ao longo dos séculos:

		Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Total
Uso do elemento “Como” / Or. Interrog. Encaixadas	SV	3/15 (20%)	3/7 (42,85)	6/16 (37,5%)	8/35 (22,85%)	20/73
	VS	5/20 (25%)	3/29 (10,34%)	1/19 (5,26%)	4/18 (22,22%)	13/86
						33/159

A partir das porcentagens, podemos observar que no século XVI, o uso do elemento interrogativo “Como” era pequeno, sendo mais presente nas orações interrogativas de ordem VS. A partir do século XVII, das 7 orações interrogativas de ordem SV, 3 apresentavam o uso do pronome interrogativo “Como”. Seu uso nestas orações permanece durante o século XVIII, enquanto nas orações interrogativas encaixadas de ordem VS é cada vez menos frequente o aparecimento do elemento “Como”. Já no século XIX, em que a ordem SV parece estabelecer um domínio, o pronome “Como” parece não influenciar mais a ordem SV como nos séculos anteriores.

Novamente, um estudo mais detalhado acerca do uso de “Como” precisaria ser realizado para comprovarmos sua real influência na mudança da ordem de constituintes

nas orações interrogativas encaixadas. Todavia, um primeiro caminho já foi traçado, e o que tudo indica é que os elementos interrogativos apresentam uma participação no que diz respeito à ordem de palavras das orações interrogativas encaixadas.

7. CONCLUSÃO

Como mencionado no início deste trabalho, o objetivo desta pesquisa era observar as mudanças na ordem de palavras que ocorreram nas orações interrogativas do português europeu. Para isto, primeiramente, foi preciso estudar os casos de inversão que ocorrem neste tipo de oração. Como descrito por Ambar (1992), as orações interrogativas do português europeu moderno apresentam algumas peculiaridades.

A inversão sujeito-verbo é obrigatória no português europeu moderno apenas nas interrogativas diretas, desde que o elemento QU- não seja acompanhado de um *nome foneticamente realizado*. Além disso, a ordem SV torna-se possível, e é mais aceita pelos falantes, se o elemento *é que* for introduzido. Já nas orações interrogativas indiretas, a inversão sujeito-verbo passa a ser facultativa (exceto no uso dos pronomes *que* ou *porque*). O uso de *é que* também é possível, sendo a agramaticalidade que ocorre com o uso dos pronomes *que* e *porque* resolvida. Por fim, assim como nas orações diretas, os constituintes com *nome foneticamente realizado* também não exigem a inversão nas orações encaixadas de interrogativas indiretas.

Em segundo lugar, como a proposta do trabalho era realizar um estudo diacrônico, foi preciso realizar buscas automáticas nos 16 textos anotados sintaticamente do *Corpus Tycho Brahe*. As buscas descritas anteriormente na **Seção IV** deste estudo, “Métodos e materiais utilizados”, nos permitiram encontrar 159 orações interrogativas encaixadas e 165 orações interrogativas raiz, nas quais o pronome interrogativo não era o próprio sujeito e o verbo não era da família do verbo ‘ser’. Dentre as 165 orações interrogativas raiz, apenas 5 apresentaram a ordem SV. Apesar do resultado limitado, foi possível observar que das 5 orações, apenas uma foi utilizada no texto de um autor nascido no século XVI. O restante das orações foram encontradas nos textos do século XVIII e XIX, o que indica uma mudança em seu uso.

Em relação às interrogativas encaixadas encontradas no *corpus*, podemos perceber que houve uma mudança na ordem ao longo do tempo, pois, nos textos dos autores nascidos no século XVI, o número de orações interrogativas encaixadas VS é maior que o número de orações interrogativas encaixadas de ordem SV. Essa diferença é ainda mais visível nos textos do século XVII, sendo das 36 orações interrogativas encontradas nesse período, apenas 7 de ordem SV. Nos autores nascidos no século XVIII, esse quadro começa a se alterar, mas o número de interrogativas de ordem VS é ainda maior. Já nos textos do século XIX, é observada uma mudança na ordem: o número de orações interrogativas de ordem SV é quase o dobro do número de orações interrogativas VS.

Analisando melhor essas orações interrogativas encaixadas de ordem SV, três fatores foram observados diante desta mudança: a **posição do sujeito utilizado em relação ao verbo** (imediatamente posterior ou separado por um outro sintagma), a **natureza do verbo da oração** (transitivo ou monoargumental) e o **elemento QU-utilizado** (Que, O que, Porque/Por que, Como). Um estudo mais detalhado precisaria ser feito a respeito da influência desses três elementos, porém, neste estudo, um primeiro caminho já foi traçado.

Em relação à posição do sujeito, apesar de ainda predominar o verbo sendo imediatamente posterior ao sujeito, foi possível observar alguns pontos: na passagem do século XVIII para o século XIX, houve um aumento de orações interrogativas encaixadas de ordem SV com um sintagma separando o sujeito do verbo, coincidindo com o aumento de orações interrogativas de ordem SV. Além disso, no século XVII, das 7 orações encontradas, 3 delas apresentam a separação do sujeito e do verbo devido à presença de um sintagma.

No que diz respeito à natureza dos verbos, foi possível perceber que nas encaixadas de ordem SV predomina os verbos transitivos, principalmente no século XIX.

Apesar do uso deste tipo de verbo ser constante durante todos os séculos, nos textos de autores nascidos nos séculos XVI e XVII, os verbos transitivos aparecem junto a outros tipos de verbos, como os intransitivos, copulares, pronominais. A partir do século XVIII e XIX, esses outros verbos diminuem, sendo conseqüentemente mais intenso o uso dos verbos transitivos.

Já em relação aos elementos QU- utilizados, foram encontrados nas orações de ordem SV um grande uso dos elementos “O que” e “Como”. O uso de “O que” pode ser facilmente entendido, pois, assim como descreve Ambar (1992), “O que” predomina nas orações interrogativas encaixadas, já que o uso de “Que”, assim como o de “Porque”, não permitem a ordem SV, exceto se o pronome for acompanhado pelo expletivo *é que* ou por um *nome foneticamente realizado*.

Já o uso do elemento “Como” apresenta um resultado curioso. Analisando as porcentagens calculadas a partir de seu uso, foi possível concluir que no século XVI, o aparecimento de “Como” era pequeno, sendo mais presente nas interrogativas encaixadas de ordem VS. No século XVII, das 7 orações interrogativas de ordem SV, 3 apresentam o pronome “Como”, sendo a partir do século XVIII, cada vez menos frequente o aparecimento de “Como” nas orações interrogativas encaixadas de ordem VS.

Assim, diante dos dados e das análises deste estudo, concluímos que a ordem de palavras nas orações interrogativas encaixadas do português europeu mudou ao longo do tempo, assim como nas orações afirmativas. A diferença entre esses dois tipos de orações está no século em que a mudança foi concretizada: enquanto nas orações afirmativas a mudança de ordem já é visível no século XVIII (cf. Galves e Gibrail, 2013; Galves e Paixão de Sousa, 2013; Paixão de Sousa, 2004), nas orações interrogativas encaixadas, a ordem SV só predomina nos textos de autores nascidos no século XIX.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBAR, M. M. (1992) Para uma sintaxe da Inversão sujeito-verbo em português.

Lisboa: Edições Colibri.

COSTA, J. (2004) Subject Positions and Interfaces: The case of European Portuguese.

Toronto: Mouton de Gruyter.

GALVES, C.; GIBRAIL, A. Subject inversion from Classical to Modern European

Portuguese: a corpus-based study. Versão revisada da comunicação em: DIACHRONIC

GENERATIVE SYNTAX, 14^a, 2013, Lisboa, submetido.

GALVES, C.; SOUSA, M. C. P. The loss of verb-second in the history of Portuguese:

Subject position, Clitic placement and Prosody. Versão revisada da comunicação em:

DIACHRONIC GENERATIVE SYNTAX, 12^a, 2010. Submetido, 2013.

HAEGEMAN, L. (1991) Introduction to Government and Binding Theory. Blackwell:

Oxford, UK.

KENEDY, E. (2013) Curso básico de linguística gerativa. Contexto: São Paulo.

MATEUS, M. H. *et al.* (2003) Gramática da Língua Portuguesa (5^a edição, revista e

augmentada). Editorial Caminho: Lisboa.

MIOTO, C. *et al.* (2013) Novo Manual de Sintaxe. Contexto: São Paulo.

SOUSA, M. C. P. Língua Barroca: Sintaxe e história do português nos 1600. 2004. 377

f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2004.

SPINA, S. (*org.*) (2008) História da língua portuguesa. Ateliê Editorial: Cotia, SP.